

Cinthia Ishara

A-FA-SI-A: Um sujeito em cena

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Is3a	<p>Ishara, Cinthia.</p> <p>A-fa-si-a: um sujeito em cena / Cinthia Ishara. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Maria Irma Hadler Coudry.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Afasia. 2. Apraxia. 3. Neurolingüística. 4. Fonoaudiologia. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
-------------	---

Título em inglês: Focus on CN: a case study of an aphasic person.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Aphasia; Apraxia; Neurolinguistic; Phonoaudiology.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (orientador), Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto, Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire, Prof. Dr. Edson Françoze, Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (suplente), Profa. Dra. Regina Yu Shon Chun (suplente), Profa. Dra. Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz (suplente)

Data da defesa: 10/03/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Irma Hadler Coudry

Mazdade Coudry

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Fernanda Maria Pereira Freire

Fernanda Maria Pereira Freire

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Edson Françaço

Edson Françaço

Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz

Regina Yu Shon Chun

Maria Bernadete Marques Abaurre

IEL/UNICAMP

2008

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

11 / 06 / 2008

Mazdade Coudry

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry – Orientadora
(IEL – UNICAMP)

Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto
(IEL – UNICAMP)

Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire
(NIED – UNICAMP)

Prof. Dr. Edson Françaço
(IEL - UNICAMP)

Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
(UESB)

Profa.Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre - suplente
(IEL – UNICAMP)

Profa. Dra. Regina Yu Shon Chun - suplente
(CEPRE – UNICAMP)

Profa. Dra. Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz - suplente
(CEPRE – UNICAMP)

A CN, razão de ser de tudo isso.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, por tudo que me ensinou durante todos esses anos, pela inspiração para este trabalho e muitos outros.

A Fernanda, pela contribuição valiosa no exame de qualificação e pela presença sempre especial, pelo cuidado e pelo carinho.

A Professora Rosana do Carmo Novaes Pinto, pelas preciosas observações no exame de qualificação, pela disponibilidade e atenciosidade para ler este trabalho.

A Nirvana pelos gestos de incentivo e preocupação com este trabalho.

Ao Prof. Dr. Edson Françaço por aceitar o convite para integrar esta banca e se dispor a ler este trabalho.

Aos professores Maria Bernadete Marques Abaurre, Regina Yu Shon Chun e Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz por aceitarem participar desta Banca.

A toda minha família pelo apoio incondicional.

A minha irmã, Yara, presença muito mais especial em minha vida do que eu poderia merecer ou descrever.

A meu irmão, Sergio, e minha cunhada, Carmen, que não me deixaram desistir.

A minha cunhada pela leitura “reveion-ística” do texto, com direito a brindes de incentivo e tudo mais.

A todos os meus amigos do IEL e fora dele que me agüentaram ausente por tanto tempo.

A Cândida Mara pela amizade, cuidado, socorro para a finalização desta tese. Pelas angústias compartilhadas.

A todas as meninas da Neurolingüística.

A Tatiana Melo Gomes pela contribuição significativa para este trabalho.

A Michelli pelo socorro, pela atenciosidade e disponibilidade.

A Tamiris que me socorreu inúmeras vezes nos últimos tempos, contribuindo muito para que este trabalho fosse possível.

Ao CNPQ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo de caso de um sujeito afásico (CN). Através de seu acompanhamento longitudinal, realizado com base em uma abordagem discursiva da afasia, buscou-se compreender as características de sua afasia, discutindo as classificações propostas na literatura e a relação entre sua caracterização e o processo terapêutico. Esta tese destaca as características singulares de um caso que se recusa a encaixar-se nas tipologias existentes, evidenciando a heterogeneidade do fenômeno afásico e as contribuições de um processo terapêutico que não exclui o sujeito. Os dados mostram as relações entre os níveis lingüísticos e apontam que os gestos articulatórios não caminham dissociados de outros aspectos da linguagem em seu funcionamento. O esforço para conter cadeias de associações fônicas e a constante re-instauração da cena enunciativa na produção de seus enunciados se destacam enquanto características do funcionamento da afasia de CN. O processo terapêutico mostra que não se trata de ensinar ou treinar os aspectos alterados pela afasia. O processo com CN ensina que a opção por uma teoria de linguagem que inclua o sujeito, ao invés de uma teorização voltada apenas para o sintoma e para o que falta em sua fala, se mostra decisiva para promover e explicar as mudanças que CN faz durante o período do acompanhamento.

ABSTRACT

This thesis presents a case study of an aphasic person (CN). We longitudinally examine the performance of CN in different situations. The study adopts the aphasia's discursive approach (Coudry, 1986/88). We try to understand changes in CN's language functioning and the characteristics of CN's aphasia. The CN's aphasia presentation differs from typical aphasias described in traditional typologies. CN's language exhibits unique characteristics that lead us to consider the heterogeneity in aphasia and the advantages of a therapeutic process based on a specific view about the relationship between language and subject. Our findings support the relationship between linguistic levels and the relation between articulatory gestures and other language aspects. The effort to limit phonic associations and to build the enunciative scene is frequent and constitutes a typical aspects that demonstrates how language works in this case. The improvements in CN's language functioning from our initial evaluation provides support for the language's view that includes the subject in its scope and the therapeutic process that is not limited to following training programs or educational treatments.

SUMÁRIO

Resumo	01
Abstract	02
Sumário	03
Introdução	05
1 Neurolingüística Discursiva e Fonoaudiologia Tradicional: alguns destaques	12
Dado 1- Silabando	13
Dado 2- Medo	21
2 Características do funcionamento da linguagem de CN	25
Semelhança fônica e instabilidade	25
Dado 3- Babi e Chuchu	25
Dado 4- Dirigir	27
Dado 5- Shrek	28
Dado 6- Poliglota	29
Dado 7- Garagem	32
Em paralelo – desejos que vêm	38
Dado 8- Cocada	38
Influência de um dito em outro dito – o já dito que retorna	41
Dado 9- Panfleto 1	41
Sem ação	43
Dado 10- Orkut	43
Dado 11- Jogo	49

Dado 12- Jogo 2	52
Dado 13- Shrek Terceiro	53
Dado 14- Adoro	56
CN em cena – um corpo que fala	56
Dado 15- Gigi e Fifi	56
A afasia de CN e a tipologia afásica	59
Quadro 1 - Classificação das afasias	61
Quadro 2 - Luria	65
Quadro 3 - Luria e Jakobson	69
3 Características do processo terapêutico	73
Dado 16- o Gato	75
Dado 17- Quem é o Gato?	77
Dado 18- Na festa	83
Dado 19- Na festa	83
Dado 20- Na festa	84
Dado 21- E-mails	86
Dado 22- Fila	91
Dado 23- E-mail para o médico	95
Dado 24 -Panfleto	96
Considerações Finais	99
Referências Bibliográficas	102
Termo de Consentimento	107

Introdução

Esta tese é um estudo de caso de um sujeito afásico, CN, cujo acompanhamento longitudinal foi conduzido com base em uma abordagem discursiva da afasia proposta por Coudry (1986/88).

CN apresenta uma lesão cerebral fronto-parieto-insular em hemisfério esquerdo, em território de artéria cerebral média, resultante de AVCi (aneurisma) em carótida esquerda. Foi após o AVCi, ocorrido em janeiro de 2006, que CN passou a apresentar alterações no funcionamento da linguagem. Mais tarde, em julho de 2006, CN é submetida a uma cirurgia para remoção de pseudo-aneurisma à direita, que não se traduz em novas queixas.

As características da afasia de CN abrangem instabilidade na seleção de segmentos, verbos e conectivos, bem como em aspectos discursivos envolvidos na relação entre enunciado e enunciação.

O esforço para conter cadeias de associações fônicas e a constante re-instauração da cena enunciativa¹ na produção de seus enunciados se destacam enquanto características do funcionamento da afasia de CN.

Além disso, para o processo terapêutico, a reflexão de CN sobre sua própria fala e seu reconhecimento da fala do terapeuta se revelam marcadores importantes da evolução do quadro clínico. O processo com CN ensina que o suporte de uma teoria de linguagem que inclui o sujeito, ao invés de uma teorização voltada apenas para o sintoma e para o que falta em sua fala, se mostra decisivo para promover os movimentos que CN faz durante o período do acompanhamento. O objetivo desta tese é dar visibilidade ao processo de avaliação e acompanhamento terapêutico desse sujeito que se revelou singular frente à tipologia das afasias, tendo em conta o aporte teórico da Neurolinguística Discursiva (ND) utilizado, bem como a metodologia do dado-achado. Tendo em vista a

¹ Essas características da afasia de CN serão detalhadas no decorrer deste trabalho. Para o momento, vale explicar que o esforço para conter cadeias de associações fônicas se traduz por uma fala silabada e pausada e que a re-instauração da cena enunciativa é representada por momentos em que CN retoma a fala do outro para contar o que ocorreu, encenando todo o acontecimento e assumindo o lugar e fala dos personagens.

singularidade do caso que foi se apresentando durante o acompanhamento clínico foi possível avaliar a consistência da teoria de linguagem utilizada como via explicativa para as dificuldades que CN apresenta, bem como as soluções encontradas durante o próprio processo de reconstrução da linguagem.

A idéia de singularidade não cabe em qualquer teoria. Não é qualquer teoria que propicia o olhar do pesquisador para a singularidade de um dado. No caso de CN, a possibilidade mesmo de aparição de tais dados se deve em primeiro lugar à própria metodologia de avaliação de linguagem e acompanhamento terapêutico condizentes com os pressupostos teóricos da Neurolingüística Discursiva (ND). As diferentes práticas dialógicas que acontecem durante o acompanhamento longitudinal ajudam a garantir visibilidade para a relação sujeito-linguagem, relação diante da qual se torna possível falar em singularidade. Há que se ter uma teoria para a qual importe indagar-se diante das “marcas inequívocas da presença de um sujeito da e na linguagem”, e mais ainda, “registros de uma relação desse sujeito com a linguagem na qual encontra-se inexoravelmente enredado” (Cf. Abaurre, 1991/96: 119), teoria para a qual o papel do outro também é relevante, ou primordial e que não tome a linguagem como produto pronto e acabado fora dos sujeitos.

Abaurre (1996), discutindo as primeiras manifestações lingüísticas escritas de crianças, propõe suspender a perspectiva “tranqüila” das teorias lingüísticas existentes e adotar uma perspectiva de “perplexidade” ante os dados. CN parece nos convidar a fazer o mesmo.

Esta tese embarca no convite de CN para questionar (CN sempre está disposta a questionar) e toma emprestada a idéia de Abaurre de uma perspectiva de “perplexidade”. Segue ainda a trilha de Coudry de uma Neurolingüística Discursiva que vê no dado a possibilidade de movimento da teoria – um “dado-achado” (Coudry, 1996) – e de autores que o fazem na relação com dados de aquisição da linguagem oral, como os citados por Abaurre – De Lemos e Motta Maia.

Coudry (1996: 186) observa

Avaliar o processo de significação em vez de partes do código ou tipos de

comportamento verbal não quer dizer imprecisão só porque o resultado da análise não são números, tabelas, tipos. Quer dizer antes, procedimentos heurísticos orientados por princípios teóricos que tratam a linguagem como atividade significativa e, portanto, o que está em questão são processos de significação alterados ou não e não comportamentos verbais.

Os dados analisados recobrem um período de pouco mais de um ano de acompanhamento longitudinal, no qual nos deparamos com a singularidade de um caso para o qual questões sobre a tipologia afásica, o funcionamento da linguagem e os efeitos de uma intervenção terapêutica ganharam relevância e conduziram à reflexão aqui apresentada.

A heterogeneidade das manifestações afásicas que fica encoberta em tipologias representativas da área ganha destaque no caso de CN. Embora as características da linguagem de CN incluam alterações fonético-fonológicas que poderiam ser relacionadas à chamada afasia motora aferente e seus enunciados apresentem alterações sintáticas que poderiam ser relacionadas à afasia de Broca ou à afasia motora eferente, seus dados nos interrogam, recusando-se a se conformar aos perfis apresentados nesses aparatos descritivos. Tais perfis caracterizam-se por uma listagem de erros e faltas construída sob a crença insistente em uma correlação direta entre lesão e sintoma e em detrimento de uma teorização sobre a linguagem em funcionamento.

Trabalhos como os de Coudry e Possenti (1983); Coudry (1986/88); Coudry e Morato (1991) apontam que estudos atuais da Afasiologia têm insistido em uma relação com a Lingüística que reafirma certas dicotomias (afasia de expressão *versus* de compreensão; língua *versus* fala; língua *versus* discurso) que aparecem na base de definições e classificações de afasia. Tal relação com a Lingüística tem contribuído para cristalizar diagnósticos, sem problematizar pressupostos em que se baseiam, encobrendo características do funcionamento da linguagem.

As teorias lingüísticas vêm sendo utilizadas na avaliação de linguagem de sujeitos afásicos de maneira parcial, basicamente considerando tarefas metalingüísticas a que são

submetidos, o que mostra uma atitude reducionista frente aos fatos e funcionamento da linguagem, no contexto patológico (ver Coudry e Possenti, 1983; Coudry, 1986/88; Coudry e Scarpa, 1991). Esse tipo de utilização da Linguística está ligado à tarefa de fornecer evidências de patologia e modelos de descrição de sintomas.

Para Novaes-Pinto (1999), a falta de uma análise linguística sobre o funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos tem levado os estudos a, simplesmente, redundarem em descrições em termos de sintomas e déficits.

Coudry (1986/1988) introduz o ponto de vista discursivo nos estudos da afasia, recusando propostas de avaliação de sujeitos afásicos baseadas em testes metalingüísticos, pautadas em uma visão da língua como código e apartadas do “exercício da linguagem em situações efetivas de vida social” (op.cit.: 3). Faz-se necessário recorrer a referenciais teóricos capazes de subsidiar e fundamentar um outro olhar sobre a avaliação das afasias. Nesse sentido é que Coudry (1986/88: 13) vê a necessidade de se aproximar das teorias enunciativas e discursivas considerando que “esses novos pressupostos e propósitos somente podem realizar-se na perspectiva do discurso.”

O conceito de prática discursiva, tal como formulado em Maingueneau (1989) e retomado pela autora, envolve a reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a textual (verbal) e a social, em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura, do sujeito com o outro e o mundo social. Situações dialógicas e práticas discursivas permitem ao sujeito afásico o exercício da linguagem que o coloca em relação com o outro, com a língua, com a cultura e com a afasia.

Avaliação e processo terapêutico, nessa perspectiva, são considerados "como instâncias discursivas em que se dá a compreensão de processos de significação presentes na afasia." (Coudry, 2000: 449). A negociação sobre os objetos lingüísticos permite entrar em contato e lidar com as várias faces desses objetos, ocupar diferentes papéis discursivos e representar-se como sujeito da linguagem.

Toma-se a "linguagem em funcionamento" (Coudry, 2001) do sujeito afásico em interação com o outro, o que implica considerar o sujeito e reconhecer que “há linguagem na afasia”. A autora explicita os princípios que orientam essa abordagem: "Tomam-se os processos patológicos, explicitados ou não, como o exercício de uma condição particular

que se relaciona com processos normais de significação; e não como o que falta, a falha, o déficit, em relação a uma língua e a um sujeito ideais"(Coudry, 2001: 449) .

Importam, para a autora, os processos pelos quais os sujeitos refletem sobre sua própria condição e como representam o próprio discurso. Interessa o processo de reconstituição do afásico enquanto sujeito da linguagem, o que se torna possível somente considerando o funcionamento da linguagem que se dá em meio a práticas discursivas.

O presente trabalho aponta que, durante o acompanhamento longitudinal, a fala de CN ocorre de acordo com o que Jakobson (1954) caracteriza como *uso habitual da linguagem*, o que do ponto de vista discursivo significa considerar as condições de sua produção, o jogo de imagens recíprocas entre os interlocutores e acerca do referente, as posições que o(s) sujeito(s) ocupa(m) na interlocução. Ao longo deste estudo, é possível observar com que tipo de problemas e soluções CN se depara.

O acompanhamento longitudinal inserido em uma perspectiva discursiva da afasia se orienta pela opção teórico-metodológica que considera fundamental o entendimento do processo – que constitui e expressa a relação entre sujeito e linguagem. Coudry (1995) observa que

o método de estudo longitudinal, no que se refere à avaliação, diagnóstico e acompanhamento de sujeitos neurolesados, tem se revelado eficaz, pois, além de recobrir todo o processo verbal (ou seja, tudo o que se faz com, sobre e pela linguagem), permite apreender a evolução do quadro clínico e perceber os processos alternativos de significação dos quais o sujeito lança mão, e melhor compreender, enfim, os mecanismos neurolingüísticos que constituem os fatos de linguagem. (Coudry, 1995:13)

Sendo assim, recorre-se aqui ao estudo longitudinal para que ganhem visibilidade as flutuações na produção de um mesmo sujeito em momentos diferentes, bem como as variações existentes dentro do próprio fenômeno da afasia, decorrentes da própria natureza da linguagem.

Abaurre (1991/96), refletindo sobre estudos em aquisição de leitura e escrita,

ressalta a necessidade de “uma teoria de linguagem mais abrangente, interessada não apenas nas características formais do objeto lingüístico, mas também no modo e na história da sua constituição e constante transformação” (op.cit:130). É nessa perspectiva que a metodologia de estudo longitudinal permite observar as mudanças na natureza das relações do sujeito com a língua e com os parâmetros ântropo-culturais (nos termos de Franchi, 1977).

Durante o acompanhamento longitudinal de CN, as sessões de atendimento com a fonoaudióloga, Ici, ocorrem uma vez por semana no CCA (Centro de Convivência de Afásicos)/ LABONE (Laboratório de Neurolingüística) /IEL/UNICAMP. As sessões que constituem este *corpus* foram gravadas em áudio e transcritas pela fonoaudióloga (Ici). Além disso, fazem parte da descrição dos dados anotações feitas por Ici em seu diário de pesquisa.

Os procedimentos metodológicos incluíam conhecimento mútuo, leitura de jornais e revistas, produção de textos, *sketches*², uso do computador com trocas de mensagens pela *Internet*, comentários sobre fatos de interesse dos interlocutores, situações de interação com outras pessoas. Tais procedimentos possibilitam que se inclua o sujeito, as condições de produção de seus enunciados e os papéis ocupados por ambos na interlocução, cuja dinâmica tem se revelado uma condição restauradora da linguagem na afasia (Coudry, 1986/88, Coudry e Morato, 1988; Coudry, 2002).

Os dados de CN que compõem esta tese foram organizados em tabelas, seguindo o modelo do Banco de Dados de Neurolingüística (BDN) / Projeto Integrado de Neurolingüística (CNPq nº 521773/95-4). Nas tabelas utilizadas, busca-se dar visibilidade também a aspectos não-verbais. Com isso, é possível observar o papel de destaque que o uso do corpo ganha na descrição do caso.

A organização desta tese introduz, inicialmente, o leitor nos pressupostos teóricos da Neurolingüística Discursiva (ND), indicando os aspectos mais relevantes para o caso em estudo e contrapondo-se a abordagem tradicional das afasias.

Na seqüência, são apresentadas as características do funcionamento da linguagem

² O trabalho com *sketches* envolve a representação de cenas enunciativas (cf. Coudry, 2002).

na afasia de CN e se propõe uma discussão sobre a tipologia afásica e a sua afasia.

Características de seu processo terapêutico ganham destaque em seguida, descrevendo os momentos relevantes do percurso com CN.

Por fim, tecem-se algumas considerações finais relacionando os aspectos principais deste estudo.

1. Neurolingüística Discursiva e Fonoaudiologia Tradicional: alguns destaques

Esta tese tem por base o acompanhamento longitudinal de CN que teve início em novembro de 2006 e se assenta nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolingüística Discursiva (doravante ND), que será sucintamente descrita no decorrer deste estudo. O acompanhamento se caracteriza por práticas que procuram evidenciar a maneira como CN enfrenta as alterações no funcionamento da linguagem desde o AVCi esquerdo em janeiro de 2006, devido a aneurisma na carótida esquerda.

Os pressupostos teóricos da ND que orientam a prática clínica com CN atribuem ao sujeito papel ativo e fundamental no processo terapêutico. Trata-se de uma perspectiva discursiva na abordagem da afasia para a qual importa como o sujeito afásico lida com a afasia, como re-elabora suas dificuldades e quais as condições em que se constrói a interação com o terapeuta. É nesse contexto que se inscreve a discussão sobre as alterações de linguagem a que CN fica sujeita em seu quadro afásico e em seu processo de reconstrução da linguagem.

CN tinha 31 anos quando iniciou o acompanhamento com Ici. Interrompera o trabalho, o curso de relações públicas e outras atividades para cuidar de sua saúde. A paixão comum de Ici e CN pelos animais contribui para que possam partilhar conhecimentos, construir vínculos significativos e um espaço de interação, no qual CN não deve simplesmente responder a exercícios mecânicos e executar tarefas descontextualizadas, mas no qual, acompanhando Coudry (1986/88: 195), interessa "privilegiar o sujeito, conferindo-lhe um lugar prioritário em relação à afasia de que é portador." Constitui-se, dessa forma, um investimento conjunto para compreender e reconstruir processos lingüísticos esgarçados pela afasia. Isso implica em considerar as repercussões da lesão naquele sujeito e sua relação com a afasia. Talvez, pensando nisso, a melhor maneira de apresentar CN seja deixando-a falar.

DADO 1 – silabando

Data: 22/03/07

Ici e CN conversavam sobre imóveis que ficam abandonados por problemas com inventário. CN explicava para Ici que, na região onde mora, há muitos imóveis que ficam abandonados por questões legais. Durante essa conversa, CN silabava com muita frequência, como era comum nesse período. A seguir, apresentamos um trecho que destaca o momento em que Ici questiona a maneira como CN estava falando - de maneira pausada, silabando. CN explica que quando vai falar “vem muito” e faz um gesto sinalizando a necessidade de interromper esse movimento.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ici	Por que você fala assim, separando as sílabas?	Tom: interrogativo	
2	CN	Por-que fica mais fácil. Porque aqui na minha cabeça tá tudo. Tá bom.	Tom: afirmativo	Põe a mão na cabeça.
3	CN	Mas aqui, falando /	Tom: afirmativo	Põe uma das mãos no pescoço.
4	CN	Aqui tá na minha cabeça, mas /	Tom: afirmativo	Põe uma das mãos na cabeça novamente.
5	CN	Esse aqui não! Ai meu Deus!	Tom: surpresa	De novo com a mão no pescoço.
6	CN	Então, assim /	Tom: pensativo	Faz gesto de parar repetidamente, direcionando a palma da mão em posição vertical para Ici.
7	CN	Deixa eu ver /	Tom: pensativo	Começa a escrever “inventário”, assunto sobre o qual falava

				anteriormente.
8	CN	Aqui tá bom	Tom: afirmativo	Aponta para o que escreveu.
9	CN	Mas aqui /	Tom: decepção	Mostra a boca.
10	CN	Tem que // esse ou esse? Ou esse?	Tom: interrogativo	
11	Ici	Porque você tem que procurar	Tom: dúvida	
12	CN			Movimenta a cabeça de um lado para o outro, discordando de Ici.
13	CN	Vem muito!	Tom: exclamativo	
14	Ici	Inclusive aqueles que você não quer.	Tom: afirmativo	
15	CN			Movimenta a cabeça para cima e para baixo, concordando com Ici.
16	CN	Nossa! Muito! Porque... Ou, ou nada, né? "E / e / e agora?"	Muda o tom de voz, marcando a frase "E agora?" que utiliza muito quando tem dificuldades para completar sua fala.	
17	Ici	Ou não vem nada ou vem tudo de uma vez.	Tom: dúvida	
18	CN	Porque aí ou tudo ou nada.	Tom: afirmativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Esse dado pode destacar quanta coisa CN faz diante das alterações que aparecem, de quantos recursos procura lançar mão, como ela reflete sobre o que ocorre e se posiciona diante de tudo isso. Ela descreve o funcionamento de sua linguagem na afasia e o que faz quando se vê diante das alterações que aparecem em sua fala. Seu relato mostra que ela entende a silabação como um recurso para conter a profusão de opções que lhe vêm. CN

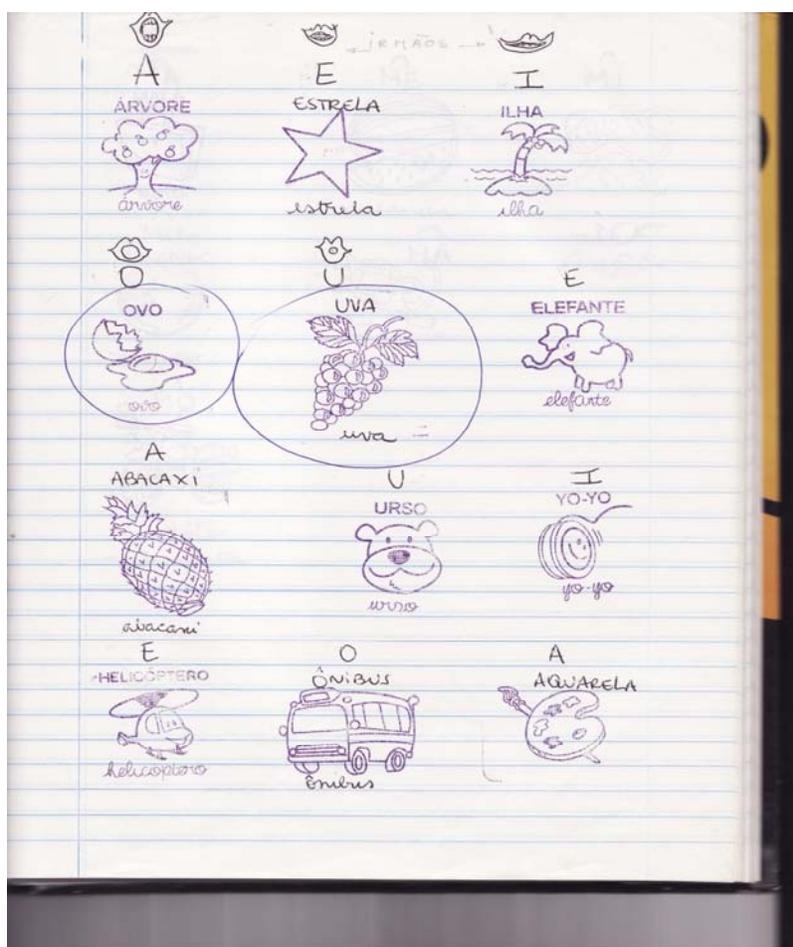
percebe diferenças entre o funcionamento da escrita e da fala e assinala sua capacidade de pensar.

Antes de chegar ao CCA (Centro de Convivência de Afásicos), CN experimentara outro tipo de atendimento fonoaudiológico.

A seguir encontram-se algumas tarefas do atendimento anterior pelo qual CN passou:

Data: início de 2006

Atividades que constam no caderno que era usado no atendimento anterior.



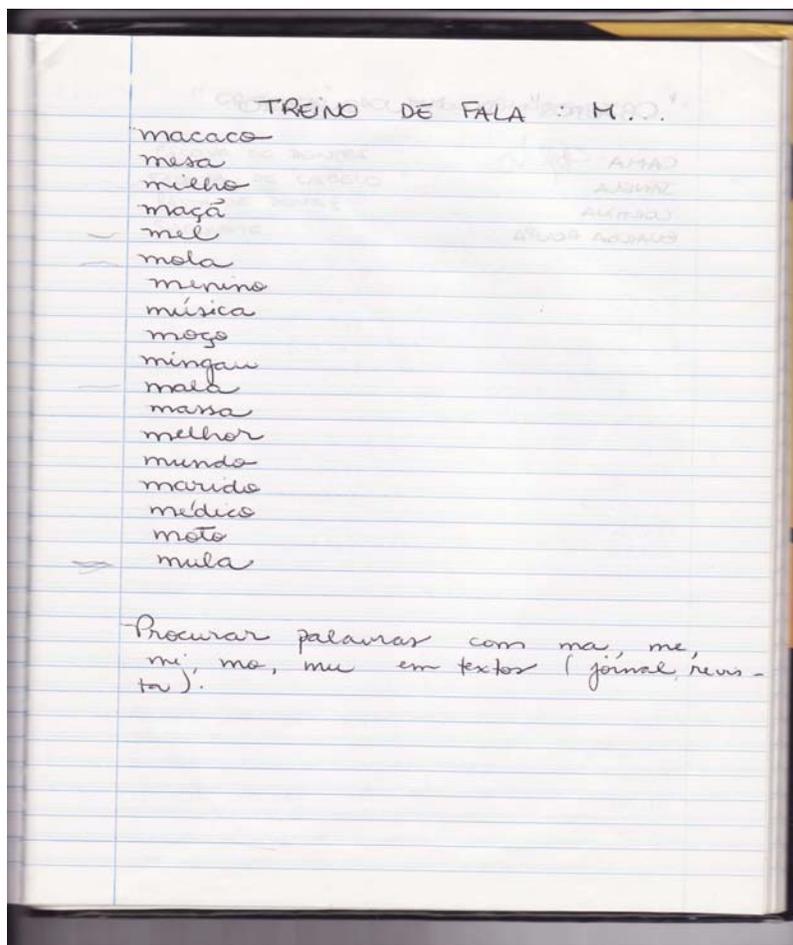
A - árvore - carimbo com desenho – indicação da posição dos lábios

E - estrela - carimbo “ “ “

I - ilha - carimbo “ “ “

O - ovo - carimbo “ “ “

U - uva - carimbo “ “ “

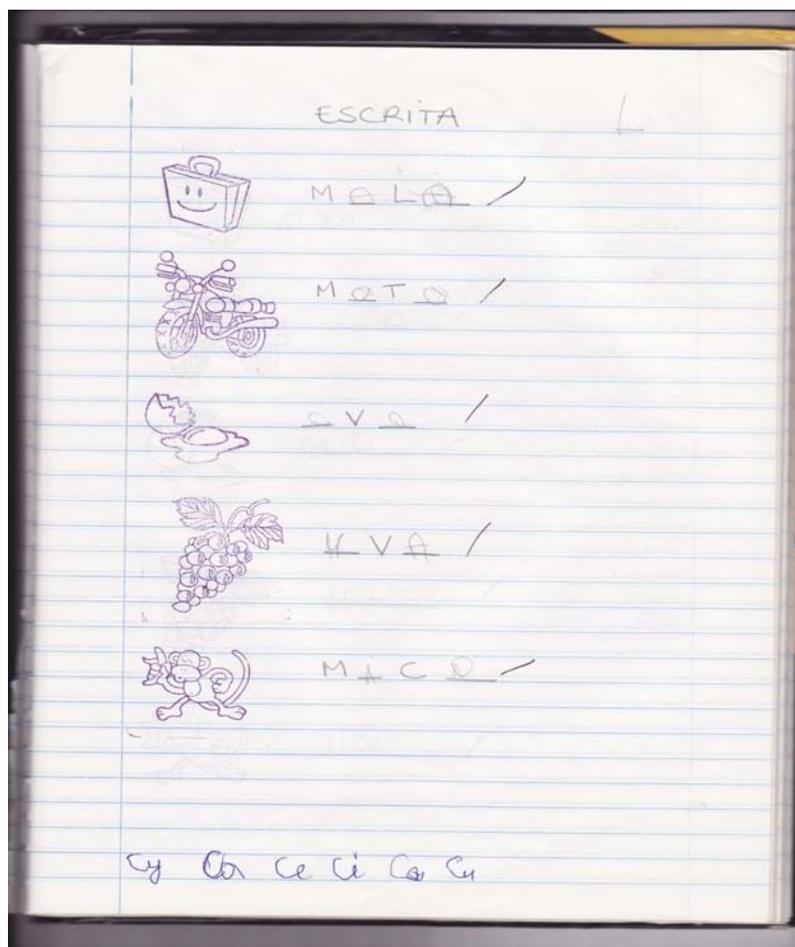


Treino de Fala: M

Macaco, mesa, milho, maçã, mel, mola, menino, música, moço, mingau, mala...

Procurar palavras com ma, me, mi, mo, mu em textos (jornal, revista).

Treino: ma ma; me me; mi mi; mo mo; mu mu.



Escrita:

carimbo com desenho de mala: M A L A, moto, ovo, uva, mico.

É difícil acreditar que essas tarefas são propostas para a mesma pessoa apresentada no Dado 1, mesmo levando em conta a data dos dados. Enquanto no Dado 1 é possível perceber um sujeito refletindo e agindo sobre a linguagem, as tarefas apresentadas no caderno parecem direcionadas a um sujeito que não tem condições de lidar com linguagem, mas apenas de executar comandos. Tais tarefas mostram exercícios que se aproximam de tarefas escolares, no pior sentido de escolar (conforme Coudry e Mayrink-Sabinson, 2003). É possível supor, a partir delas e do relato de CN, um apagamento do sujeito e uma redução do que seja a linguagem. O que as tarefas acima conseguem mostrar de CN lidando com a afasia, de como se mostra sujeito da linguagem? Que chances elas oferecem a CN para que experimente ajustes e desajustes, arranjos e re-arranjos da/na linguagem? Elas são representativas de uma certa maneira de conceber a linguagem e, conseqüentemente, suas desordens. A linguagem é vista como uma espécie de código e as tarefas propostas impedem que o sujeito mostre os recursos lingüísticos ainda presentes e como são/estão articulados. Não há chances para que o sujeito explore suas (im)possibilidades. O que vai ser descrito e treinado já está pré-estabelecido. Qualquer produção do sujeito será encaixada em uma tipologia de erro para a qual a linguagem em funcionamento não é relevante. Não há teorização que sustente um olhar para a linguagem. Não há espaço para os restos de linguagem, para o corpo, para o humano (Freud, 1891).

Há mais de vinte anos, Coudry e Possenti (1983) já apontavam os problemas envolvidos na descrição e análise da linguagem na patologia. Coudry (1986/88) partia da crítica aos testes-padrão aos quais os sujeitos afásicos estão submetidos até hoje e discutia a concepção de linguagem envolvida nessas atividades. A autora destacava que a maneira como a linguagem e a Lingüística eram tomadas na avaliação e terapia da afasia impediam a compreensão do fenômeno. É impressionante que ainda hoje se tenha que voltar a esse tema, observando que o cenário atual ainda é dominado por abordagens que, partindo de uma visão reducionista da linguagem e de uma aplicação direta de conceitos da Lingüística, desconsideram os construtos teóricos dos quais esses conceitos fazem parte. Excluem o sujeito, as condições de produção e outros fatores que seriam relevantes para a interpretação dos dados.

Enquanto no Dado 1 o sujeito é provocado a olhar para o funcionamento da

linguagem, nas tarefas destacadas de seu caderno existe a suposição de que a linguagem pode ser ensinada ou treinada. Na verdade, nessas tarefas não se pode falar em linguagem em funcionamento. Trata-se de tarefas artificiais para as quais os papéis desempenhados pelos participantes e as condições de produção do enunciado não são relevantes.

Um depoimento perspicaz sobre os riscos envolvidos em algumas propostas para o tratamento de sujeitos afásicos que desconsideram aspectos fundamentais sobre a linguagem em funcionamento vem de um sujeito afásico, SL, que foi acompanhado no CCA. Em seu relato sobre o atendimento fonoaudiológico que experimentara logo após o AVC, ele adverte com muito bom humor sobre o engano de uma abordagem que se proponha a “ensinar” linguagem ou que veja o afásico como um depositário de faltas a serem supridas. SL conta que a fonoaudióloga lhe dissera que ele perdera a linguagem e que agora teria que ter paciência para aprender tudo de novo. Muito espirituoso e inteligente, SL lhe responde: “Então, eu prefiro que você me ensine em alemão!”. Nessa “brincadeira”, SL ensina o que é linguagem e o que é afasia. Ele reconhece e reclama seu lugar de sujeito da linguagem que não pode ser apagado com a lesão. É disso também que tratam os inúmeros momentos de reflexão e re-elaboração da linguagem experimentados por CN, nos quais ela também reivindica um espaço para si e para a sua linguagem. Refletir sobre tais momentos que os sujeitos nos oferecem para uma aproximação sobre o funcionamento da linguagem é um privilégio que só ganha visibilidade em abordagens que se ocupam de teorizações sobre a relação constitutiva entre sujeito e linguagem e que tomam a interlocução como espaço no qual o sujeito se constitui como locutor na relação com o outro e preenche papéis discursivos em situações reais e em diferentes condições de produção.

Abaurre e Coudry (a sair) assinalam que “o sistema a ser (re)construído não está pronto e à disposição e não se trata de suprir as faltas decorrentes da afasia, mas inserir de novo o sujeito na relação com a linguagem, e tudo que isso implica.” (Abaurre e Coudry, a sair: 04)

A despeito da complexidade envolvida no funcionamento da linguagem, o processo

tradicional³ de reabilitação⁴ de sujeitos afásicos envolve basicamente treino de palavras ou frases. Uma breve revisão na literatura parece mostrar que o tipo de exercício proposto acima se faz presente em propostas atuais. Embora haja uma forte influência e reconhecimento de uma certa Pragmática no tratamento dos sujeitos afásicos, a idéia de que é preciso treinar aspectos da linguagem domina o cenário da reabilitação. Teorias cognitivistas e conexionistas têm se esforçado para compreender mecanismos subjacentes aos déficits apresentados pelo sujeito, esmiuçando rotas de processamento envolvidas e, assim, diferenciando aspectos do processamento da informação envolvidos em cada déficit. Porém, tais esforços têm sido inadvertidamente traduzidos em exercícios para terapia que visam isolar os déficits a serem treinados. Ao constatar a grande dificuldade em estender à melhora obtida no treino para as situações cotidianas, cresce o interesse por incluir tarefas voltadas a esse objetivo. É dessa maneira que a Pragmática vem sendo incluída na área.

Morato (1995: 30) observa: “parece que novos objetos (de ordem sociolingüística ou pragmática) têm sido simplesmente encaixados na velha classificação de problemas neurolingüísticos de maneira *ad hoc*. Com isso, nem sempre se consegue questionar o ponto de vista sobre o problema teórico da significação e nem se altera a própria idéia que se tem do fenômeno lingüístico-cognitivo”, o que torna, muitas vezes, a discussão sobre questões metodológicas desarticulada de questões teóricas importantes para a área.

Nos artigos da área, predomina a indicação do treino como ferramenta de reabilitação. Varley & Whiteside (2001), fazendo uma revisão sobre o tratamento das apraxias e da afasia de Broca, observam que as estratégias de tratamento envolvem treino da produção individual de segmentos e subsequente junção de segmentos em sílabas *nonsense*.

Veja-se no dado a seguir que CN recusa retomar um atendimento naqueles moldes.

³ O termo tradicional é empregado aqui no mesmo sentido que lhe confere Coudry – relatório do CNPq/ Projeto “Contribuições da pesquisa neurolingüística para avaliação do discurso verbal e não-verbal (1997) – que abrange a Fonoaudiologia para a qual está ausente qualquer reflexão da Lingüística.

⁴ O termo reabilitação, amplamente utilizado na Fonoaudiologia, parece um termo resistente na área, combinando com uma abordagem que vê a linguagem como uma habilidade que pode ser perdida e que se propõe a treinar os sujeitos para que recuperem tal habilidade.

DADO 2 – medo

Data: 13/09/07

Ici havia pedido para que CN lhe trouxesse o caderno do atendimento anterior. Ici comentara com CN que Imc havia lhe contado sobre a existência desse caderno.

CN pega o caderno, mas se mostra receosa em entregá-lo. Ela indica sua opinião sobre as atividades nele contidas. Em seguida, começa a encenar o que ocorria no atendimento, manifestando sua indignação com o tratamento recebido e com a insistência da antiga fonoaudióloga em repetir as mesmas tarefas à sua revelia. CN marca em sua fala que havia coisas que ela sabia e coisas que ela queria e propunha, mas que a fonoaudióloga não dava atenção às suas indicações.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Ó, mas, ó, a moça é bom pra criança. Mas eu sei isso.	Tom: decepção.	Segura o caderno com força.
2	CN	Aí eu: CA:I:U:	Tom: indignação Exagerando na articulação da palavra.	
3	CN	Você fala: “Ca-iu” Eu vou ver. A a num quer!	Tom: indignação	
4	CN	Ela queria / Eu queria / Você fala assim é: “Mel”. Assim eu sei que é isso. Eu queria falar: “Meia”. “Meia”. Tá bom, tá bom. É isso. Eu sei. Eu quero.	Tom: indignação	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

A evidente indignação de CN, durante seu relato, que a deixa tomada por esse sentimento ou mais preocupada em marcar esse seu sentimento do que, de fato, explicar a situação para seu interlocutor, aliada a característica do funcionamento da linguagem de CN de encenar o que ocorreu, tomando as falas de cada personagem para contar o que deseja (re-instauração da cena enunciativa - característica que será mais discutida no decorrer deste trabalho) imprimem a esse dado uma maior dificuldade de interpretação.

CN relata um atendimento que desconsiderava o que ela percebia sobre seu funcionamento a favor de uma técnica de treino a ser aplicada. Ela reconhece inclusive uma desvalorização dela enquanto uma mulher de 30 anos. Antes de entregar o caderno, ela pede que Ici não use com ela os exercícios nele contidos.

Na perspectiva discursiva proposta por Coudry (1986/88) e que vem sendo refinada ao longo desses anos é fundamental o acompanhamento longitudinal do sujeito, no qual, através de diferentes práticas dialógicas, o sujeito pode enfrentar e refletir sobre suas dificuldades e é possível conhecer os recursos lingüísticos de que dispõe para lidar com elas e as resoluções que aparecem. Abaurre e Coudry (a sair) constata:

Olhar para o sujeito afásico como quem (re)toma o *espetáculo* da linguagem e da língua em funcionamento (interlocução; organização em níveis, usos e funções) quer dizer estender a concepção de doença de Foucault (1961), estruturalmente definida, para a condição patológica posta pela afasia: a que define a partir da linguagem do sujeito afásico, mesmo fragmentária, para conhecer o que a afasia *apaga* e o que o sujeito *sublinha*, seja recorrendo ao sistema verbal, seja a outros sistemas semióticos, concebidos, como a linguagem, historicamente. E essa atividade do sujeito – aquilo que ele realça, os recursos e as operações que emergem a partir de sua doença – não poderá ser apreendida fora das condições de exercício da linguagem (Coudry, 1986/1988). (Abaurre e Coudry, *a sair*: 05).

Um olhar semelhante para o sujeito está presente em Sacks, neurologista que se destaca ao chamar, insistentemente, a atenção para o fato de que limitar nosso olhar para lesões cerebrais e “faltas” conseqüentes a ela é se afastar da possibilidade de compreender o que se descortina nesses acontecimentos e nesses sujeitos. Em seus relatos, o neurologista procura descrever como as alterações neurológicas repercutem na vida de cada sujeito. O autor utiliza narrativas nas quais está incluída a dimensão antropológica que possibilita se aproximar e compreender o humano. Veja-se a seguinte passagem em que o autor destaca a diferença entre o sujeito submetido à situação de testagem e o sujeito envolvido em uma atividade em que pode se sentir “vivo” e “real”:

Ela (Rebeca) havia se saído horrivelmente nos testes – que, em certo sentido, foram projetados, como toda testagem psicológica e neurológica, não apenas para descobrir, revelar deficiências, mas também para decompô-la em funções e deficiências. Ela se partira terrivelmente em pedaços na testagem formal, mas agora estava misteriosamente ‘junta’ e composta. (Sacks, 1997:171).

Situações de testagem, como as citadas por Sacks, foram amplamente e minuciosamente discutidas por Coudry (1986/88). A autora faz uma análise sobre as tarefas constantes nos testes de afasia que podem provocar uma reflexão sobre tarefas usadas na terapia dos sujeitos afásicos:

Fica evidente que esses tipos de tarefa excluem o interlocutor da situação de interlocução; esta é construída do ponto de vista do locutor-examinador, mesmo sob a aparência de um pedido para que o afásico fale. (...) Em segundo lugar, essas tarefas não possuem da linguagem, o seu papel de representação de experiências efetivas sobre si próprio, sobre os outros e sobre o mundo (...). Pelos parâmetros desses testes, igualam-se todos os sujeitos, para ser simplesmente um elemento da categoria ‘afásico’. Assim, anulam-se todas as coordenadas do diálogo (Coudry,1986/88:11).

Nesse contexto, o que ocorre durante o acompanhamento de CN não tem como objetivo o treino ou o preenchimento de uma falta, mas sim, o objetivo de trazer elementos que ponham em movimento determinados aspectos envolvidos no funcionamento da linguagem e convoquem o sujeito para lidar com o funcionamento da língua e da linguagem. Isso requer do terapeuta um raciocínio clínico pautado, por um lado, no que (re)conhece do sujeito e de linguagem. Nesse sentido, ganha relevo a idéia de criar “espaços em que se possa favorecer mecanismos de descoberta e expressão que o próprio sujeito elabora” (Coudry, 1986/88:198).

2. Características do funcionamento da linguagem de CN

semelhança fônica e instabilidade

No acompanhamento longitudinal de CN, fomos, pouco a pouco, nos aproximando de suas queixas e do funcionamento de sua afasia. Em nossos primeiros encontros, ela tem respostas sintéticas e interrompe seu dizer com frequência, queixando-se da impossibilidade de produzir determinados sons da língua. É sobre essa queixa que nos atemos num primeiro momento. CN questiona se seria capaz de produzir alguns sons como /ʃ / e / ʒ/, embora eles estivessem presentes em sua fala.

DADO 3 – Babi e Chuchu

Data: 03/05/07

CN está tentando entrar num *site* da *internet* e conta que a sua senha contém os nomes de suas cachorras: Babi e Chuchu.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não verbal
1	CN	Deixa eu ver / aqui / Onde tá isso?	Tom: pensativo	Procurando na página do site a janela para abrir sua conta.
2	CN	Tudo é Babi Zuzu.	Tom: afirmativo	Enquanto digita a senha, mostra para Ici que as letras que a compõe são aquelas presentes nos nomes de suas cachorras.
3	CN	Tudo aqui é Zuzu e a Babi, Babi e Zuzu.	Tom: afirmativo	

4	CN	Agora vamos ver aqui / Acho que...	Tom: pensativo	Procurando onde clicar dentro daquela página da internet.
---	----	------------------------------------	----------------	---

Fonte: Tabela BDN CNPq nº 521773/95-4

No dado 3, é possível ver a produção de /ʃ/, nas linhas 1 e 4, embora ela não apareça quando CN fala o nome da cachorra: *Chuchu*, aí aparece a produção de /z/. Os fonemas em questão têm matrizes fonético-fonológicas muito semelhantes. Podemos notar, no entanto, os seguintes contrastes:

	Chuchu	Zuzu
	ʃ	z
Anterior	-	+
Alto	+	-
Vozeado	-	+

Em casos como esse, a literatura da área propõe estratégias para favorecer a conscientização ou re-conscientização de pontos articulatórios e afins. São treinos para “recolocação de fonemas”, na maior parte das vezes, baseados na repetição de sílabas ou listas de palavras contrastantes com indicações dos pontos e modos de articulação. Trata-se de tarefas destituídas de sentido, que procuram isolar aspectos a serem trabalhados, dissociando linguagem e articulação e/ou entendendo linguagem e memória como atividades mecânicas nas quais o sujeito está ausente. Fedosse (2000) critica essa maneira de avaliar e tratar as apraxias. A autora propõe um protocolo baseado em *cenar enunciativas*, destacando “a relação da língua com o *exterior discursivo*, como condição de fundamental importância para a atividade significativa” (Fedosse, 2000: 9).

No caso de CN, a partir de momentos como os destacados no Dado 3, ela é provocada a rever sua (im)possibilidade articulatória. É fato que ela não pode controlar a

produção do segmento, mas é fato também que isto não se deve a uma incapacidade motora. Ici mostra a CN que as características de sua produção são muito próximas daquela que busca, o que facilita a compreensão do interlocutor, mas dificulta para CN fazer a mudança, já que implica em um ajuste mínimo, ou seja, já que se trata quase sempre da alteração de um único traço (vozeamento ou anterioridade ou altura, por exemplo). A semelhança entre os segmentos marca a instabilidade no funcionamento da linguagem na afasia de CN, como também se pode ver no dado a seguir:

DADO 4 – dirigir

Data: 12/07/07

CN protestava porque a tia não queria que ela voltasse a dirigir. Ela conta um episódio em que leva um tombo em casa e a tia vê no tombo um argumento.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observação sobre as condições de produção do enunciado não verbal
1	CN	Eu num sei. Eu num sei. Eu cá. Nossa! Mia minha tia falô: “Não e e você vai e você vai querê dí-ri-zi?”		

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Do dado acima, destaca-se, para o momento, a produção de *dirigí*. Supondo sua relação com *dirigí* temos as seguintes alterações de traços:

	<i>dirigí</i>	<i>dirigí</i>
	3	z
Anterior	-	+
Alto	+	-

Os dados acima são representativos de uma direção nas alterações fonético-fonológicas apresentadas por CN: vozeamento (embora, em geral, vá para o [- vozeado]), anterioridade [+ anterior] e altura [- alto], uma tendência em direção ao não-marcado. Essas alterações se mostram mais comuns em posição inicial na palavra. Além disso, há uma tendência para a característica [- contínuo] como se vê a seguir:

DADO 5 – Shrek

Data: 09/08/07

CN contava para Ici o filme Shrek 2. Ela sugere que Ici assista a todos os filmes da série.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ici	O um eu já assisti.	Tom: afirmativo	
2	CN	Dois e o três	Tom: afirmativo	
3	Ici	Dois e o três. O dois, meu irmão comprou. Então, quer dizer, eu tenho como assistir.	Tom: afirmativo	
4	CN	Nossa! Eu / A CR adora esse tilmes. Mas esse é muito caro, né?	Tom: entusiasmo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº 521773/95-4

Na produção de *tilmes* no dado acima, podemos supor a seguinte relação de traços:

	filmes	tilmes
	f	t
Contínuo	+	-
Coronal	-	+

Pode-se notar que as produções de CN apresentam, em geral, uma semelhança muito

grande com a matriz fonético-fonológica da produção com que se relaciona.

Podemos ainda destacar uma tendência para a produção do padrão CV, menos marcado, com estruturas sem ramificação de *onset* e com omissão de líquidas (ga, grande, no Dado 7). Há também momentos em que produz um tepe /r/ ao invés da lateral /l/. Como se poderá ver no Dado 7, em palavras como *baixo* e *quarto* o elemento da *coda* parece ficar flutuante. Em geral, CN hesita bastante nessas produções com tentativas nem sempre bem sucedidas como em *bassio* e *quatro* (supondo a relação com *baixo* e *quarto* no Dado 7). CN se mostra preocupada em corrigir suas produções, o que confere um caráter mais truncado a sua fala, com hesitações, tentativas de auto-correção, hipercorreções, antecipações e mesmo, imprecisão articulatória.

A direção nas alterações fonético-fonológicas de CN indicam seus pontos de instabilidade como um lugar em que sua fala se abre para produções com uma característica menos marcada e mais próxima da fala que ocorre no processo de aquisição da linguagem.

Quando aparece uma alteração de traços com uma tendência diferente da destacada até o momento, podemos quase sempre reconhecer que a produção concorrente aparece tomando uma sílaba toda, um cruzamento entre dois termos em que fica marcado o fato de que um passou pelo outro (Figueira, 1996) como se vê abaixo:

DADO 6 – poliglota

Data: 15/05/07

CN procurava localizar em um *site* da *Internet* a foto de um amigo.

Ici quer saber outras informações que auxiliem na busca.

CN elenca todas as línguas que ele fala.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ici	Não tem mais alguma informação sobre ele que você ponha que ajude a /	Tom: interrogativo	
2	CN	Não.	Tom: afirmativo	
3	Ici	Não?	Tom: interrogativo	
4	CN	Não.	Tom: afirmativo	
5	CN	Ó, ele, ele, ele / é / pala é / ri é / in-grês, por-tu-guês, es-pa-rol e mais uma coisinha lá / e ale-mão.	Tom: incerteza	
6	Ici	Poxa vida! Poliglota, hein?	Tom: surpresa	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

	espanhol	Carol
	ŋ	r
Anterior	-	+
Alto	+	-
Contínuo	-	+
Nasal	+	-

	fala	pala
	f	p
Contínuo	+	-
Vozeado	+	-

Consideramos na linha 5 uma possível relação com o nome da irmã de CN (Carol)

no *rol de esparol*, já que esta não é a única vez que o nome dela aparece perpassando sua produção.

Muitas vezes, quando CN desiste de sua produção, Ici solicita que CN prossiga, mesmo que produza algo que recusa, que “*deixe vir*”, para que possa lidar com aquilo que surge. Ici insiste para que ela não desista diante de uma produção alterada (o que ocorria com certa frequência no início do atendimento). Assim, por exemplo, CN queria ler “show”, mas antes que conseguisse terminar sua produção iniciada corretamente – “sho” –, produzia “showrro” (marcando a presença de “cachorro”, nosso assunto predileto, num cruzamento vocabular). Em tais momentos, fica evidente a influência de um dito em outro dito (Cf. Freud, 1891), ou a constatação de que uma palavra passou pela outra (Figueira, 1996). Esse momento ajuda a compreender a característica da linguagem de CN em que se nota a presença de segmentos concorrentes em sua fala (“vem muito” – Dado 1). É como se seu primeiro gesto articulatório convocasse o encadeamento do segundo de tal maneira que CN se vê obrigada a tentar contê-lo introduzindo uma pausa e silabando. Quando CN separa “sho” – “w”, quebrando a projeção da semelhança no encadeamento, ela alcança a produção desejada. Cada vez, no entanto, que tenta encadeá-los sem a quebra, a produção de cachorro aparece insistentemente.

Ao mesmo tempo, quando silaba, CN está voltada à sua própria fala de tal maneira que, como já foi dito, aparecem hipercorreções ou antecipações na produção. É comum, no caso de sílabas complexas, que CN procure marcar essa diferença em sua produção, mesmo que isso não ocorra como seria esperado. É o que ocorre acima na produção “ri... in-grês” (linha 5, dado 6). Aparece o tepe, comum a sílabas com tal formação, embora não fosse o segmento esperado. Ele surge antes mesmo, por antecipação em “ri” que é depois modificado.

As considerações feitas até o momento sobre o funcionamento da linguagem na afasia de CN, destacam que as perturbações no nível fonético-fonológico não ocorrem de maneira caótica.

O caráter previsível de alterações fonológicas, que ocorrem em indivíduos não-afásicos já era apontado por Meyer *apud* Thá (1997). Freud (1901), recuperando os estudos desse autor, salienta que tais alterações podem ocorrer na presença ou ausência de patologia

e que não é suficiente observar sua obediência a leis da linguagem na qual se manifestam para compreender os mecanismos que justificam essas alterações. Integradas ao funcionamento da linguagem, elas obedecem a restrições impostas pelo sistema e estão sujeitas a instabilidades próprias da linguagem, que não ocorre separada de um sujeito. Essas alterações fonético-fonológicas apresentam sua imprevisibilidade enquanto *linguagem* de um *sujeito*, aspectos indissociáveis que tornam impossível prever exatamente quando ou de que forma ocorrerão.

Dentro da proposta da ND, importa poder entender essas alterações fonético-fonológicas enquanto parte do funcionamento da linguagem de um sujeito que será melhor descrito no decorrer deste estudo e perguntar quais as repercussões dessa compreensão no acompanhamento de CN.

No Dado 7, Ici confronta a produção de /g/ em *pagar* e *agora* que aparecem na fala de CN com as tentativas de produção de /g/ em *garagem*. Embora haja uma diferença na posição do segmento (início de palavra em *garagem* e posição medial nas demais palavras), Ici propõe o confronto entre as produções. Esse momento, dentro de um enquadre terapêutico, oferece um resultado que difere do confronto com as situações de instabilidade a que CN está sujeita no seu dia-a-dia. No dado que se segue estão em foco os recursos mobilizados e os efeitos provocados.

DADO 7 – Garagem

Data: 17/05/07

CN contava como ia sua pesquisa por um lugar para morar. Ela relata seu trabalho de pesquisa na *internet*, as diferenças de preços encontradas, as qualidades do imóvel que procurava, as regiões em que gostaria de morar. Em determinado momento de seu relato, CN se depara com a produção da palavra *garagem*. Ela produz /karase/ e Ici não a compreende. Ela tenta modificar sua produção sem sucesso e CN indica para Ici que não conseguia produzir, o /g/. Ici, observando que durante a sessão CN produzira várias vezes *pagar* e *agora*, propõe que os produzisse novamente, quando CN tece o comentário que se segue:

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observação sobre as condições de produção do enunciado não verbal
1	CN	Não, porque eu sei, mas depois é / “E agora?” E agora num num / Consigo agora, mas depois.	Tom: decepção	
2	Ici	Vamos tentar.	Tom: afirmação	
3	CN	Tá.	Tom: afirmação	
4	Ici	Vamos pensar naquela situação lá do corretor. Você vai falar lá todos os itens que você quer pro / pro apartamento. Aí vamos ver se, quando chegar na garagem/	Tom: suspense	
5	CN	[Ai	Tom: suspense	
6	Ici	Tá? Se você sozinha tentar pensar ou na palavra “pagar” ou na palavra “agora”, pra ajudar a sair melhor a palavra garagem.	Tom: suspense	
7	CN	Tá	Tom: afirmação	
8	Ici	Tá bom? Então tá. Por exemplo, então você tá ligando lá na imobiliária, tal. Supondo, né? Tudo bem. Alô!	Tom: afirmação	Ici faz gesto simulando um telefone.
9	CN	Oi! É / Tem uma / a-par-tamento?	Tom: interrogativo	CN faz gesto simulando um telefone.
10	Ici	Apartamento. Você tá procurando pra comprar ou pra alugar?	Tom: interrogativo	
11	CN	É / Com-prar.	Tom: afirmativo	
12	Ici	Ah, pra comprar. E como que é o apartamento que você quer?	Tom: dúvida	

13	CN	Ó. Assi / É / um qua-tro ou uma / kit, mas é / ga gran-de.	Tom: afirmação	
14	Ici	Tá.	Tom: afirmativo	Ici anotando.
15	CN	É, é, é / ah! Tem que / sa-ca-da.	Tom: entusiasmo	
16	Ici	Ah! Com sacada. Tudo bem.	Tom: afirmativo	Ici anotando.
17	CN	É / vê / E agora? É uma / é é é pré-dio, mas pre prédio é um condomínio é bassio.	Tom: incerteza	
18	Ici	Ah, tá.	Tom: afirmativo	Ici anota.
19	CN	E e é garassem.		
20	Ici	Ah, agora saiu muito bem. Ah, tá jóia, tá jóia. E que região mais ou menos? Você tem preferência por algum bairro /	Tom: interrogativo	
21	CN	Ai Centro.	Tom: afirmativo	
22	Ici	Ah, então tá bom, tá decidida. Então tá bom, então eu vou dar uma olhadinha, ver o que eu tenho e depois eu ligo e a gente combina pra visitar uns prédios.		

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

As matrizes envolvidas nas produções: *karasse* (primeira produção de CN), *bassio*:

	<i>garagem</i>	<i>karasse</i>
	g	k
Vozeado	+	-
	3	s
Anterior	-	+
Alto	+	-
Vozeado	+	-

	<i>baixo</i>	<i>bassio</i>
	∫	s
Anterior	-	+
Alto	+	-

A proposta de pôr em foco essas produções provoca uma reflexão de CN sobre o funcionamento da linguagem, expressa na linha 1: ‘Eu sei agora, mas depois...’ CN aponta a instabilidade presente no funcionamento da linguagem e, predominante na afasia. Mais do que isso, da relação entre uma produção e o momento ou todo o contexto em que se apresenta, da relação entre linguagem e sujeito. Ao mesmo tempo, em seu relato também pode estar presente o temor de que Ici proponha os mesmos exercícios do atendimento fonoaudiológico anterior. CN é extremamente perspicaz para perceber (e tem chance aqui de expressar) que um treinamento mecânico não tem seus resultados assegurados para outros momentos de uso da linguagem.

É interessante notar os caminhos da reflexão de CN. É ela quem interrompe seu relato, dizendo que não era capaz de produzir a palavra *garagem* e, ao escutar a proposta de Ici, marca os diferentes tempos dessa (im)possibilidade.

É pela semelhança, pela repetição de vários traços que a produção se abre para a presença de um outro segmento que pode ocupar esse lugar. Talvez, a maior facilidade para trazer o segmento /g/ em *pagar*, *consigo*, *agora* se deva ao encadeamento em que o segmento esteja nessas palavras, ou seja, ao fato de que, no momento de sua produção, ele já esteja “envolvido” em uma cadeia de sentido, de maneira mais estável. O esforço de CN em silabar vem quando ela tenta conter um encadeamento que surge e que ela recusa. Já em *garagem*, onde o ponto de instabilidade é inicial, a cadeia se abre para uma outra produção. Isso não significa que a instabilidade seja interpretada como restrita a um tipo de organização fonológica (veja-se, só para citar um exemplo, a produção de *ga grande*, na linha 13), mas que certas características fonológicas estão presentes no desenho do quadro apresentado por CN e favorecem a presença de produções que CN recusa.

Essas dificuldades podem ser contidas no *sketch* proposto por Ici. De acordo com Coudry (2002: 123):

o trabalho com *sketches* tem a seguinte motivação teórico-metodológica: envolve a representação de cenas enunciativas (Maingueneau, 1989 – o que me remeteu a Fillmore) que mobilizam processos de significação verbais e não-verbais. Trata-se de situações pragmáticas partilhadas por interlocutores de uma dada comunidade lingüística (uma cena entre patroa e empregada, alguém que bate à porta, um telefone que toca, uma carta que chega, etc). A proposta terapêutica de vivenciar uma cena do mundo – que pode ser expressa verbalmente de muitas formas – possibilita ao sujeito uma projeção do que pode e consegue dizer, usando de fato a linguagem para isto, lidando com a linguagem e a afasia, em meio às formas que a língua dispõe – e as que permitem o sujeito “criar” (força criadora da linguagem) – e às coordenadas da situação pragmática em questão. Por essa atividade se avalia a linguagem em funcionamento em todos os seus níveis, ou seja, os processos verbais relativos ao sistema lingüístico (fonológicos, sintáticos, semânticos), bem como a relação da língua com parâmetros ântropo-culturais (processos semânticos e pragmáticos).

É claro que o momento anterior ao *sketch* não era um momento de uma atividade mecânica, mas era um momento que se definia como um relato de uma cena (aspecto que não é banal no caso de CN) e no qual CN se irritava com suas dificuldades. Quando Ici propõe que se re-instaure toda a cena enunciativa, isso funciona como um enquadre desencadeador de rearranjos para CN⁵. Ela passa a ocupar um lugar diferente daquele ocupado no relato, no qual era narradora dos fatos ocorridos, passa a encenar uma situação

⁵ Há, no entanto, uma diferença na maneira como cada cena é retomada. No dado 7, trata-se de um *sketch*, Ici propõe a CN uma encenação, enquanto em outros momentos, como nos dados 2 e 4, é CN quem traz uma cena à tona, assumindo a fala do outro para construir seu relato.

(o que se mostra produtivo para CN, como se explicará adiante). Além disso, a seleção lexical fica mais limitada, restrita às questões impostas por Ici e a um texto direcionado basicamente para a produção de nomes - substantivos e adjetivos – (marcando a maneira como diferentes categorias são diferentemente afetadas na afasia de CN). Desenha-se, assim, um cenário que colabora para o sucesso de CN. A situação, tal qual delineada no Dado 7, favorece inclusive a produção de /g/ que CN tinha inicialmente como objetivo, permitindo que ela atinja a resposta desejada. O que se destaca com isso é que gestos articulatórios, enquanto parte da linguagem, não caminham dissociados dela em seu funcionamento.

Depois dessa sessão, ainda foi retomado o *sketch* sobre o assunto e mais tarde, Ici e CN saíram a procura de apartamento para CN. Ela enfrentou bem o contato pessoal com os corretores nas imobiliárias, pedindo auxílio para Ici apenas nos contatos telefônicos ou quando se sentia cansada. Foi uma experiência importante, porque CN costuma ficar receosa para conversar com estranhos.

Essa não foi a única vez em que foram vivenciadas situações fora do CCA. Foram feitas visitas a centros de compras, lanchonetes, um centro de zoonoses, um canil. CN foi encorajada a enfrentar diferentes situações, com diferentes interlocutores. Ela relata seu nervosismo quando alguém não entende o que ela diz ou desconsidera o que ela diz. Nesses momentos, além do enfrentamento das dificuldades que a afasia lhe impõe, CN lida com as dificuldades dos outros diante de cada situação. São momentos importantes, principalmente porque ela passa a reconhecer como reage diante desse cenário. Ela tende a se mostrar muito exigente e rigorosa com sua produção - característica por vezes reforçada por alguns de seus interlocutores mais frequentes - o que colabora para explicar a frequente vigilância de CN para impedir a manifestação das alterações em sua fala, principalmente no início do acompanhamento. Essa característica de CN faz com que, a princípio, sejam as questões fonológicas as privilegiadas no atendimento, pois nessas alterações CN realmente se detinha. Ela se apresentava presa à constatação de uma produção que não podia controlar, à constatação da cisão entre o sujeito que reconhece uma produção que recusa e o sujeito que

não consegue modificá-la⁶, o que colaborava para que sua fala não progredisse. Ao mesmo tempo, isso dificultava o trabalho com outros aspectos do funcionamento de sua afasia.

O foco desse momento nas questões fonológicas se torna necessário, porque é característica importante da afasia de CN e porque é sobre tais questões que incide sua queixa inicial. O acolhimento da queixa inicial é considerado aspecto necessário no processo terapêutico de CN que será discutido posteriormente.

Em paralelo – desejos que vêm

DADO 8 – Cocada

Data: 28/06/07

Ici e CN conversavam sobre receitas, quando Ici pergunta se CN poderia lhe passar alguma receita cujo preparo fosse simples. CN escreve uma receita de cocada, que indica como fácil e deliciosa.

⁶ Conferir De Lemos (2002) e Lier-de Vitto & Fonseca (1997).

Cocada	
1 lata de condensado	01 col de manteiga
[1] 2 lata de açúcar	1 e 1/2
[0] 100g de coco	
Fazer	
despeje tudo na panela, depois 05/07 minutos	
despeje tudo em assadeira (manteiga), corte	
antes de esfriar.	
despeje	

Legenda:

Entre colchetes [] aparece a escrita de CN que foi alterada por ela mesma durante o processo de elaboração do seu texto.

O sinal \checkmark e o trecho sublinhado marcam o que CN inseriu em seu texto, após o término de seu texto, quando faz uma releitura a pedido de Ici.

Cocada

1 lata de condensado

[1] 2 lata de açúcar \checkmark 1 e 1/2 (para marcar que pode ser menos que 2 latas-pode ser 1 e 1/2)

[0] 100 gr de coco

01 col de manteiga

Fazer

[dese] deseje tudo na panela, ✓ no fogo mexendo depois 05/07 minutos deseje tudo em assadeira (manteiga), corta

É possível reconhecer perfeitamente o modelo de uma receita, enquanto um gênero textual que é reproduzido muito bem por CN: a listagem dos ingredientes, o modo de fazer, o uso do imperativo, a maneira de ordenação das etapas. Ela lança mão de recursos gráficos que garantem a compreensão sem que se detenha em suas dificuldades na evocação de verbos e subordinações como a colocação de *manteiga* entre parênteses, logo após *assadeira*, que garante a indicação de que a assadeira deveria ser untada. Acrescenta a informação *no fogo mexendo*, especificando o que deveria ser feito nos 05/07 minutos que marcara.

Os momentos de hesitação atêm-se à marcação da quantidade (que é passível de esquecimento) e ao verbo *deseje/despeje*. Após escrever o verbo CN conta a Ici que “*Não é assim, mas agora...*”. Ici pergunta o que ela quer escrever, mas ela se limita a responder: “*Não sai agora*”. Ici sugere: “*Despeje?*”. Ela acena que sim. Momentos como esses são freqüentes no funcionamento de linguagem de CN: ela organiza uma estrutura e seus elementos, mas recusa algumas produções que tomam espaço em sua fala e que guardam relação de semelhança com aquilo que quer dizer. Essa recusa, porém, não traz consigo a possibilidade de modificar seu dizer. Note-se que seu problema aqui não é com o tempo verbal, mas com a forma do verbo. O que surge é um outro verbo, similar na forma e que talvez insista em marcar um desejo, um desejo de falar, num ato falho, ou o “desejo de tudo” que insiste em ocupar um lugar. Lugar que se abre na semelhança fônica.

Lugares de instabilidade para CN: semelhança fônica, recuperação da forma verbal.

Influência de um dito em outro dito – o já dito que retorna

DADO 9 – panfleto 1

Data: 02/08/07

Ici havia levado um panfleto que trazia informações sobre cães e gatos. Elas conversam sobre o alto índice de abandono de cães e gatos nas ruas da cidade. Ambas, indignadas com a situação que termina na matança de um número absurdo de animais, discutem as causas do problema e as medidas para solucioná-lo. CN enfatiza a necessidade de campanhas de castração para esses animais. Ici questiona como seria possível convencer seus donos a adotar tal medida. CN indica a necessidade de ressaltar as vantagens que a medida traria para todos. Ici propõe a CN que escrevesse um panfleto sobre o assunto.

Castração
Bom para homem
Bom para cão
homem:
A fêmea não cria na ra
O macho não marca com xixi, o território
fica
Cão
A fêmea não cria prenhe
O macho não briga mais

Castração

Bom par[õ]a [t]homem

Bom para cão

Homem:

A fêmea não fica no cio

O macho não [fica] marca com xixi, o território

Cão

A fêmea não fica prenhe

O macho não briga mais

No dado 9, CN mostra uma hesitação para a marcação de gênero, também comum em sua fala. Além disso, CN interrompe seu processo de escrita em “*O macho não...*” e permanece durante muito tempo parada, em silêncio. Quando questionada por Ici sobre o que estava acontecendo, ela refere: “*Só vem uma coisa, mas...*”. Ici pede que CN escreva o que vem e ela escreve *fica*, o mesmo verbo que usara na linha acima, acenando negativamente com a cabeça. Ela se mostra insatisfeita e irritada com o resultado. A dificuldade para inibir restos de linguagem está presente na fala e na escrita de CN. No caso acima, trata-se do retorno da escrita anterior. Ici pede que ela prossiga e elas re-iniciam a conversa sobre castração de animais. CN diz: “*O cachorro não fica mais xixi ali, ali, aqui, tudo*”. Escreve *xixi*. Ici questiona os dêiticos usados por CN – ali, aqui, tudo. Conversando sobre a que se referem esses dêiticos, falam de *território* e CN escreve o verbo “*marca*” e o restante da escrita “*com xixi, o território*”. A suspensão das tentativas de modificar a produção e o trabalho sobre outros elementos do texto trouxeram uma outra possibilidade de dizer. CN teve que ir para outro lugar, para tirar o retorno da escrita anterior e poder começar de novo. Novamente o lugar da instabilidade foi a forma verbal. No caso acima, o argumento *território* parece ajudar a trazer uma outra forma verbal: *marca*, ou seja, outras produções que fazem parte do texto em questão contribuem para que CN possa fazer novas tentativas (contigüidade). Além disso, pode se considerar que *ficar* é um verbo fluido, sub-

determinado, enquanto *marcar* é um verbo específico que exigiria algum tipo de predicação sobre predicação.

Sem ação

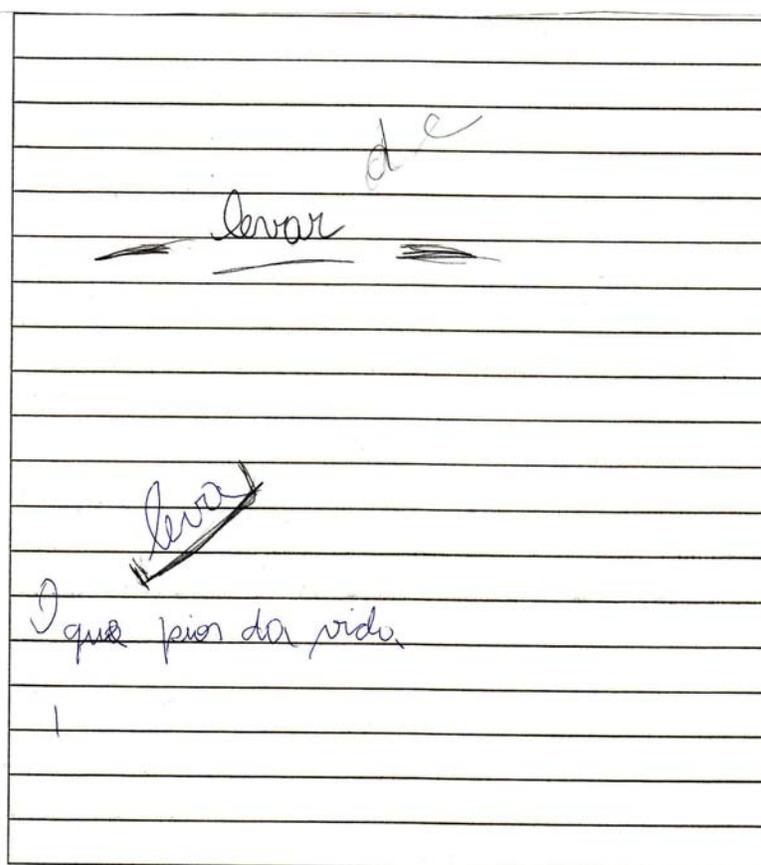
Para o processo terapêutico, revela-se de fundamental importância observar que aquilo que se faz presente na fala de CN provoca determinadas falas de Ici. Estas, por sua vez, podem ter um efeito estruturante na fala de CN. Assim, observar a maneira como essas seqüências se articulam na composição de um texto ajuda a conduzir o trabalho com CN.

DADO 10 – *orkut*

Data: 23/08/07

CN tenta contar uma frase que viu no *orkut*. Ela tem muitas dificuldades para fazê-lo. Escreve algumas palavras e Ici questiona a ausência dos verbos. Ici não consegue entender com clareza o conteúdo do *orkut* a que CN se referia.

Mais tarde, CN escreve em conversa com Ici através do MSN, o lema desse *orkut*: “O pior risco da vida é não viver”. E ainda: “Arriscar-se é perder o pé por algum tempo. Não se arriscar é perder a vida”.



Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Eu vi no e-mail, no orkut, você num tem? Você num tá?	Tom: interrogativo	
2	Ici	Não, eu num participo de nenhum orkut.		
3	CN	Foi numa co-mu-ni-dade.	Tom: afirmativo	
4	CN	Ai é / Sô vê se eu con con / Ai / ai. puquê tem umas cois / Esse, esse aqui	Tom: hesitação	

5	CN			Pega o lápis e escreve: “ <i>o que</i> ”.
6	CN	É muito bom é / O que / O que / Ai.		
7	Ici	É sobre o quê? É sobre o quê?		
8	CN	Vida.		
9	Ici	Vida?		
10	CN	É. Não. É / pra mim tá bom, mas pra vocês agora num sei.		
11	Ici	Mas como assim? Me conta mais.		
12	CN	É. Agora / Ai, eu acho que / Eu vô /		
13	Ici	Sobre vida, como assim?	Tom: interrogativo	
14	CN	Não. É /		
15	CN			Escreve: “ <i>pior da vida</i> ”.
16	Ici	Discutindo o que é a vida?	Tom: interrogativo	
17	CN	O que é pi-or na vi-da, o que você / é pi-or é // ai ai ai.		
18	Ici	O que é ruim na vida das pessoas?		
19	CN	Não. É / Du-as fra-ses. Um, esse, o que pi-or / é / o que pi-or / lépa na vida. É essa aqui essa aqui é /		Apontando para o que escreveu.
20	Ici	Mas tá falando sobre o quê, sobre as coisas que são difíceis?	Tom: interrogativo	
21	CN	Não é só lá, só o / Aí tem mais cosa mas num /		
22	CN	É é é agora não /		Com o lápis sobre o papel.
23	CN	Aqui, tá bom aqui	Tom: afirmativo	Põe a mão na cabeça.

24	CN	Depois eu num consigo.		
25	Ici	Organizar	Tom: afirmativo	
26	CN	É é aqui.		Mostra o papel.
27	CN			Escrevendo.
28	Ici	Sabe o que tá faltando aí? Verbo.		
29	CN	É, eu sei, mas você falou antes.	Tom: afirmativo	
30	Ici	Eu falei o verbo?	Tom: interrogativo	
31	CN	Não. Minha tia.		
32	Ici	Sua tia falou o verbo?	Tom: interrogativo	
33	CN	Não. Ela falou: Tá bom, mas o que você / é: andando, falando? Essa coisa num /	Tom: interrogativo	
34	Ici	Ela te falou que os verbos não tão aparecendo? É isso?	Tom: interrogativo	
35	CN	Hum hum. Antes.		Acena afirmativamente com a cabeça.
36	Ici	Ah! Tá.		CN escreve.
37	CN	É / é / Ai! Pára. Faz isso aí que depois eu /	Tom: afirmativo	
38	Ici	Não, deixa eu só te perguntar uma coisa.	Tom: afirmativo	
39	CN	Tem umas coisas aqui, mas num consigo /	Tom: afirmativo	
40	Ici	Não. Tudo bem, mas como é que é esse <i>orkut</i> ? Por que que você acha que é legal?	Tom: interrogativo	
41	CN	Não. É / a / é porque esse esse essa fra-ses pra mim ela agora / Antes, antes, né, tava bom. Agora agora é é pra mim é é frase hum / Pára! É é frases / é é / da minha vi-da, porque agora /	Tom: afirmativo	Aponta para a cabeça.
42	Ici	Essa frase aí que tem no <i>orkut</i> é a frase da sua vida. Cabe muito	Tom: dúvida	

		bem pra você agora.		
43	CN	É.	Tom: afirmativo	
44	Ici	Por que cabe muito bem pra você agora?	Tom: interrogativo	
45	CN	Não. Todo mundo.		
46	Ici	Cabe pra todo mundo	Tom: afirmativo	
47	CN	É, mas pra mim antes, né? Tá bom, né? Tá bom, tá bom, mas agora / É /	Tom: interrogativo	
48	Ici	Qual a diferença? Num entendi.	Tom: interrogativo	
49	CN	Não. Antes se / nada, nada tá bom pra mim.		
50	Ici	Como assim se nada nada tá bom pra mim?	Tom: interrogativo	
51	CN	Não. É / antes tava.	Tom: suspense	Se põe relaxada na cadeira com as mãos atrás da cabeça.
52	Ici	Não tinha nada difícil. É isso?	Tom: interrogativo	
53	CN	Nossa! Hã hã. Agora só falando. Só isso.		Aperta o pescoço.
54	CN	Agora aqui tá bom. Tudo.	Tom: afirmativo	Passa a mão sobre os braços e as pernas.
55	Ici	Tá. Mas falando tem que fazer um esforço sobrehumano.	Tom: afirmativo	
56	CN	Esse aqui. Eu tenho o seu e-mail.	Tom: afirmativo	Aponta para sua escrita no papel.
57	Ici	Mas é uma coisa boa? Uma mensagem?	Tom: interrogativo	
58	CN	É.	Tom: afirmativo	
59	Ici	Você vê. Eu acho que / você vê / num saiu UM verbo aqui.	Tom: afirmativo	
60	CN	Tem. Mas ó.	Tom: afirmativo	Escreve <i>levar</i> .

61	Ici	Levar. Tipo assim: o que se leva da vida.	Tom: dúvida	
62	CN	Mas assim		Aponta o verbo que escrevera.
63	Ici	Mas você lembrou o verbo.	Tom: afirmativo	
64	CN	Eu acho.	Tom: afirmativo	
65	Ici	A pior coisa da vida é /	Tom: suspense	
66	CN	não vi-ver! Pra mim agora é: “Vamo lá! Vamo! Amanhã não sei viva!”	Tom: entusiasmo	
67	Ici	Vamos viver hoje.	Tom: afirmativo	
68	CN	É. E mais.	Tom: afirmativo	Mostra o verbo “levar” que escrevera.
69	Ici	Talvez se você pensasse nos complementos desse verbo tipo: alguém leva alguma coisa.	Tom: afirmativo	Faz essa marcação no papel.
70	CN			Acena negativamente com a cabeça.
71	Ici	O que se leva da vida ou de algum lugar?	Tom: interrogativo	Escreve “de” ao lado do verbo levar.
72	CN	Eu sei o verbo, mas num sei onde / mas, num dá mais. Depois.	Tom: afirmativo	Faz expressão de recusa com a cabeça.

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Na linha 28, a indicação de Ici sobre a ausência de verbos, faz com que uma cena similar com a tia reapareça na fala de CN (a tia havia feito a mesma indicação para CN). Ela traz a relação de semelhança a partir da retomada da cena com a tia. É como se ela falasse a partir de seu lugar naquela cena: em 29. Ici estranha a afirmação de CN e marca

isso na linha 30. A partir da fala de Ici, CN modifica sua fala, especificando sua referência – minha tia. Trata-se da necessidade de atualizar signos cuja referência não está dada a priori. Benveniste observa que um pronome tem sua própria referência interna à instância do discurso e corresponde cada vez a um ser único. Não são referenciais à realidade, no sentido de que sua realidade é a realidade do discurso. São atualizados pela palavra do locutor. (Cf. Benveniste, 1976:277).

CN não explicita a relação entre sua tia e a indicação da ausência de verbos, o que faz com que Ici retome sua questão na linha 32. CN toma a fala da tia, falando desse lugar, trazendo toda a cena vivida novamente para explicar o que queria a Ici. É ocupando o lugar de personagem na cena que ela consegue explicitar um dizer. Isso traz uma dificuldade interpretativa a seu interlocutor, já que de dentro da cena, certas relações não precisariam ser expressas e, portanto, não são trazidas por CN. As referências de elementos dêiticos não ficam claras para o seu interlocutor e a indicação do tempo verbal também fica comprometida. Na linha 34, Ici oferece uma alternativa de interpretação que é aceita por CN. (Em outros momentos, porém, pedidos de retomada por parte de Ici se mostraram mais produtivos do que uma proposta interpretativa).

O dado 10 apresenta todo o processo de elaboração de CN, no qual ela mostra grande dificuldade para trazer elementos que ajudem Ici a entender o que deseja. CN fica presa na tentativa de evocação e não aceita o convite de Ici para que se voltasse para outras descrições sobre o *orkut*. CN só se beneficia e encontra uma resposta quando, na linha 65, Ici retoma o que CN escrevera incluindo um verbo e oferecendo uma opção com a qual CN poderia encadear seu dizer, o que de fato ocorre na linha 66.

No Dado 11, o processo de escrita de CN mostra a estrutura e os espaços de dificuldade em sua produção.

DADO 11 – jogo

Data: 10/09/07

CN e Ici conversavam sobre algumas dificuldades de ordem sintática exibidas por CN. Ici propõe um jogo em que deveriam completar uma estória. Ici mostra alguns verbos e propõe que CN inicie o jogo com uma sentença que contenha um deles. CN escolhe o verbo

“cantar” e escreve: *“Eu e a A CR cantamos tudo, de hip hop até funk”*.

Ici escreve: *“Cantamos tanto que”* ... e pede que CN complete a sentença. Ela

escreve: *“a nossa voz”* deixa espaço e escreve *“rouca”*.

CN: *Eu e a A CR cantamos tudo, de hip hop até funk.*

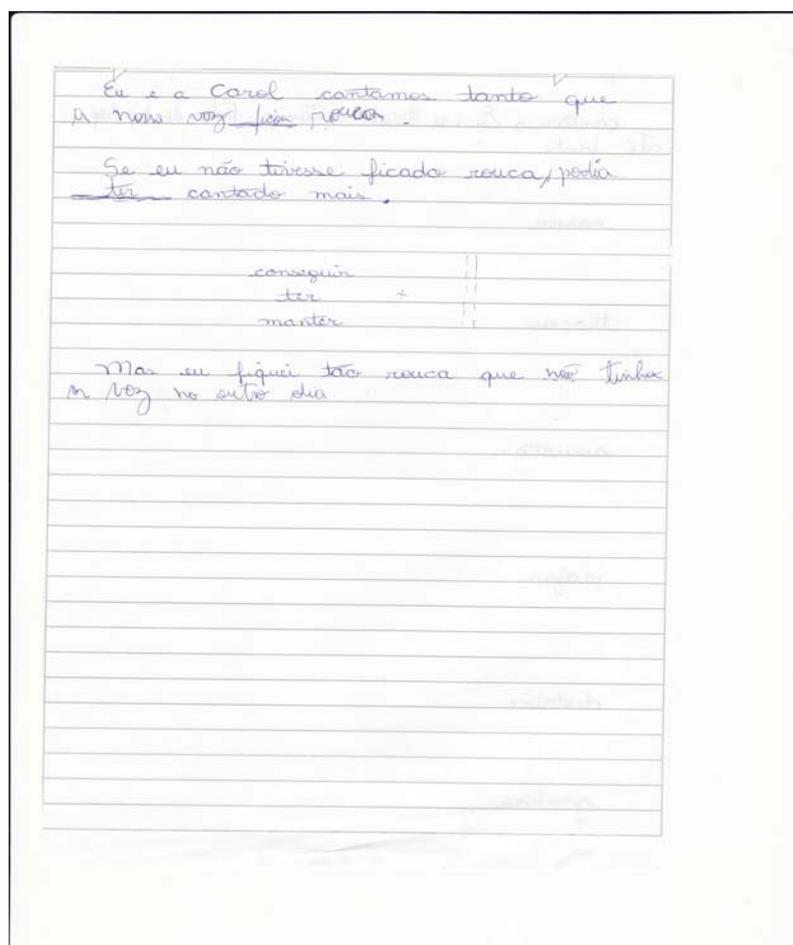
ICI: *Cantamos tanto que*

CN: *a nossa voz* *rouca.*

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Aqui, rouca num vai.	Tom: afirmativo	Aponta para o espaço antes da palavra “rouca”.
2	Ici	Um verbo?	Tom: interrogativo	
3	CN	Não sei o que é, mas é.	Tom: afirmativo	
4	Ici	Não sabe o que é. É a nossa voz, não sei o que, rouca.	Fica com a voz realmente rouca.	
5	Ici	Óh que efeito colateral? Fiquei rouca! Você sabe que tem alguma coisa, mas num sabe o que põe.	Tom: surpresa	
6	CN	É / fi-cou?	Tom: dúvida	
7	Ici	Ficou dá certo.	Tom: afirmativo	
8	CN	Cou.		Finalizando a escrita de “ficou”.
9	CN	Ai, não.	Tom: negação	Melhora a grafia de “rouca”.
10	Ici	Tá certo. É isso aí exatamente.	Tom: afirmativo	

No dado 11, CN não consegue, inicialmente, escrever toda a sentença, mas ela reconhece uma ausência. Ela preenche todo o resto da estrutura, mostrando que não tem problemas com a estrutura em si e sugerindo que a dificuldade incide mais sobre a seleção do que sobre a sintaxe. A escrita é modalidade privilegiada para exibir esse tipo de funcionamento: CN deixa lugares vazios ao mesmo tempo em que traz os demais componentes da sentença. Por fim, na pista da fala de Ici que comenta o fato de sua voz ter ficado rouca, CN traz o verbo com as características de conjugação que seu enunciado pedia (retoma de Ici com ajuste à pessoa da sentença – ela/ a voz).

A Figura a seguir contém parte do dado 11 e o dado 12.



DADO 12 – jogo 2

Data: 10/09/07

Ainda prossegue o mesmo jogo. Ici escreve: “*Se eu não tivesse ficado rouca*”... e passa a vez para CN.

Ici: *Se eu não tivesse ficado rouca*

CN: *Podia cantado mais.*

Ici: (*conseguir*, [CN- x] *ter*, *manter*).

Ici: “*Mas eu fiquei tão rouca que...*”

CN: *não tinha a voz no outro dia*’.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Podia cantado mais. Mas aí num/	Tom: decepção	
2	Ici	Podia cantado mais. Tá faltando alguma coisa. Vou por aqui o que você falou. Mas falta alguma coisa.	Tom: afirmativo	Escreve a frase.
3	CN			Fica algum tempo pensativa e faz expressão de quem não sabe, acenando negativamente.
4	Ici	Vou por umas alternativas. Alguma dessas serve pra você?	Tom: interrogativo	Escreve: conseguir, ter, manter.
5	CN	Eu acho que esse aqui, mas num num prá mim não.	Tom: incerteza	Marca um x à frente do verbo ter.
6	Ici	Mas você tava com uma outra idéia?	Tom: interrogativo	

7	CN	Eu acho sim, num sei. Eu acho assim tá bom, mas depois some, por quê?	Tom: dúvida	
RECORTE – Ici e CN conversam sobre essa instabilidade.				
8	Ici			Escreve: “ <i>Mas eu fiquei tão rouca que...</i> ”
9	CN			Completa: “ <i>não tinha a voz no outro dia</i> ”.

Fonte: Tabela BDN CNPq nº 521773/95-4

Conectivos, verbos e locuções verbais são lugares de instabilidade na fala de CN. O tipo de locução verbal que aparece com problemas no dado acima é característico na fala de CN. Note-se que o verbo que não vem é o verbo que fica no infinitivo e que parece menos carregado semanticamente que os demais - poder e cantar, no dado acima. Embora seja perfeitamente capaz de escolher uma das alternativas oferecidas por Ici, estas não chegam provocar um reconhecimento por parte de CN. Todo esse processo faz com que CN reflita sobre o funcionamento da sua linguagem na afasia como se observa na linha 7.

Além disso, pode-se questionar, por que essa alteração da seleção se manifestaria mais em verbos, quando o que ocorre em outros casos de afasia que incidem sobre alterações de seleção relacionadas a uma categoria específica é comum uma dificuldade com nomes.

DADO 13 – Shrek Terceiro

Data: 27/08/07

Em sessão anterior, CN havia dito para Ici que não se lembrava direito do filme Shrek Terceiro para lhe contar, porque só havia assistido ao filme uma vez. Ici leva figurinhas com cenas do filme, um dos preferidos de CN. Ela pede que CN escolha algumas cenas para lhe contar.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Esse aqui!	Tom: afirmativo	Seleciona uma cena.
2	Ici	Que que tava acontecendo aí? Que que eles tavam fazendo aí?	Tom: interrogativo	
3	CN	É /	Tom: suspense	
4	Ici	Eu num tenho a mínima idéia, porque eu num assisti.	Tom: afirmativo	
5	CN	É é é tro-cando as fral-das.	Tom: afirmativo	
6	Ici	Ah!		
RECORTE				
7	CN	Adoro o ca-tinho, né? Então eu acho, né, porque esse daqui é é cocô dele. É catinho. Eu acho sim, né? Porque é uma pá e uma saco.	Tom: incerteza	Mostra na figurinha Fiona segurando uma pá e um saco.
8	Ici	Ah!		
RECORTE				
9	CN	Esse é esse aqui é primo dela, da Fi-o-na que vai / Ichi / se torná rei.	Tom: afirmativo	
10	Ici	Qual? Esse moço? Ele não tem aparência de ogro.	Tom: dúvida	
11	CN	Não. Mas é ser hu-ma-no! Ele num é o-gro! Agora não, não sei /	Tom: pensativo	

12	Ici	De repente ele é um sapo!.	Tom: humorístico – Risos	
13	CN	Como o pai dela é.	Tom: humorístico – Risos	
14	Ici	E a mãe dela, aparece? Porque o pai dela já morreu.	Tom: interrogativo	
15	CN	Ele agora na não. Ai meu Deus! Ele mo-rre agora, aqui.	Tom: suspense	
16	Ici	Ele morre no terceiro!	Tom: afirmativo	
RECORTE				
17	CN	Esse aqui eu acho que é o prínci-pe encantado, mas acho que ele é / num sei.	Tom: humorístico. Risos	Gesto abaixando a palma da mão.

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4.

Nesse dado é possível observar momentos em que CN indica com clareza as referências, traz conectivos e verbos, a partir da indicação das cenas nas figurinhas, como nas linhas 09 e 17. Em outros momentos, recorre a verbos de ligação ou a elementos dêiticos como em 7 e 15. A descrição das cenas com as figurinhas parece mais simples para CN. Na linha 09, ela hesita muito no momento da locução verbal.

No dado seguinte, ou seja, dado 14, CN havia sido confrontada com algumas de suas falas nas quais verbos e conectivos estavam ausentes. Tratava-se de um momento em que contava a Ici sobre um filme que havia assistido e que havia adorado. Ici fala para CN que ela só estava falando que adorava o filme, mas não respondera como era o filme e porque havia gostado. CN dá a resposta a seguir, indicando que deixava algumas produções para poder enfatizar o que desejava.

DADO 14 – adoro

Data: 13/08/07

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
	CN	Adoro esses, mas num sei como palá. Esse aqui adoro, então: Muito bom!	Tom: entusiasmo	Sacudindo as mãos.
	Ici	Você quer enfatizar o que você está sentindo.	Tom: afirmativo	
	CN	É.	Tom: afirmativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4.

CN em cena – um corpo que fala

DADO 15 – Gigi e Fifi

Data: 24/09/07

CN descrevendo a relação entre a sobrinha (Gigi) e sua cachorra (Fifi). Ela conta como a sobrinha dava ordens à cachorra e ameaçava bater nela, quando a mãe, sua irmã, adverte a menina sobre a presença da tia (CN) e o risco de que CN quisesse levar sua cachorra embora caso a visse maltratando o animal.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
-----------	-------------------------	--------------------	--	--

1	CN	É porque / mas coisas assim: a Fifi vai lá.	Tom: afirmativo	Aponta para o lugar.
2	CN	A Fifi aqui, ela aqui	Tom: afirmativo	Indicando o lugar de Fifi, a cachorra, e de Gigi, sua sobrinha.
3	CN	“Fifi vai embora. Fica aqui.”	Tom: muda o tom de voz - imperativo	
4	CN	Aí, ela vai batê. Aí: “A tia tá aqui. Ela vai embora e ela vai levá a Fifi”.	Tom: muda o tom de voz novamente.	Balanca o dedo indicativo.
5	CN	“Não. A Fifi é minha.”	Tom: negação	Faz o gesto de um abraço, imitando a criança.

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4.

É marcante em sua fala que CN traga toda a cena vivida em seu relato. Assim, as falas aparecem em discurso direto e com os verbos no tempo presente. O que aparece é um discurso, recheado de gestos indicativos que lhe ajudam a garantir não só a reconstituição de toda a cena, como também, juntamente com as alterações no tom de voz, a indicação de quem fala, dos movimentos e sentimentos dos personagens. Ela usa todo o corpo na sua encenação. Ele participa ativamente de sua produção, revelando momentos nos quais, de fato, incorpora os personagens.

Isso garante a CN não ter que lidar com dificuldades de conjugação verbal, mas a deixa sempre ligada ao tempo da cena. O dado aponta para uma característica importante no que diz respeito às alterações com verbos de CN. Utilizando o tempo presente, CN pode se deparar com um campo de competição de seleção mais restrito. Para a conjugação do verbo no passado, um maior número de morfemas concorre, já que há maiores nuances semânticas em jogo. Do ponto de vista pragmático, portanto, é mais interessante que ela utilize o tempo presente, já que com o uso do passado sua fala fica mais sujeita a erros e se apresenta mais lentificada.

Lyons (1987) observa que o tempo gramatical é uma categoria dêitica, que, como

todos os traços sintáticos parcial ou completamente dêiticos é simultaneamente uma propriedade da frase e do enunciado. O aspecto não é uma categoria dêitica e não se refere ao momento do enunciado. Ainda segundo o autor, o termo tradicional para o modo não-marcado é o indicativo (ou declarativo).

CN ancora seu enunciado à situação de enunciação, o que leva a presença de muitos elementos dêiticos cuja referência não fica clara para o seu interlocutor. O uso de verbos no presente mostra que não há ruptura com a situação de enunciação.

Maingueneau (1989) observa que enunciar não é somente expressar idéias, é também tentar construir e legitimar o quadro de sua enunciação. Os verbos no presente dêitico indicam que o acontecimento evocado ocorre no momento da enunciação, enquanto os verbos no pretérito evocam acontecimentos sem referi-los ao momento de sua enunciação.

CN usa o discurso direto, *colando-se* à fala de alguém, de uma fala pela qual não é responsável, nem constitui-se como ponto de referência. Uma descrição subjetiva que poderia condicionar a interpretação do discurso citado também não costuma aparecer no texto de CN. Ela adere ao ponto de vista do outro naquele instante da cena. Muitas vezes, CN não faz uso de introdutores que marquem a fronteira que separa o discurso citado, o que torna árdua a tarefa de seu interlocutor para situar-se na cena e identificar a fonte das vozes relatadas. Com o discurso indireto, CN teria que lidar com formas relatadas que são geralmente apresentadas sob a forma de oração subordinada substantiva objetiva direta, introduzidas por um verbo. Dessa maneira, além das múltiplas relações sintáticas que tal apresentação a obrigaria a marcar em seu enunciado, teria ainda que lidar com uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, para anunciar sua opinião sobre aquela fala, já que a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado (Maingueneau, 1989:150).

A afasia de CN e a tipologia afásica

As classificações das patologias em geral são construídas de modo a fazer caber mesmo o dado mais surpreendente e escorregadio, e transformá-lo em algo ao nosso alcance. Esse movimento pode ser interessante se o processo que o envolve nos leva a melhorar nossa compreensão sobre o fenômeno estudado e/ou se indica diferenças significativas para o seguimento terapêutico do caso. Mas nem sempre classificar significa se aproximar do objeto de nosso estudo. Faz-se necessário perguntar com que tipo de teorização a tipologia está comprometida, quais os critérios que orientam essa tipologia, quais os ganhos que derivam de sua adoção. Ao mesmo tempo, cabe lembrar que uma classificação não deve ser finalidade em si de uma avaliação de linguagem, ou seja, a avaliação não se destina simplesmente ao preenchimento de um perfil.

Como em toda afasia, os sintomas apresentados por CN permitem uma leitura a partir dos quadros tipológicos presentes na literatura. No entanto, isso não significa que as características apresentadas pelo sujeito possam ser circunscritas à nomenclatura proposta nessas descrições.

Neste item nos propomos a fazer o exercício de relacionar a afasia de CN a algumas tipologias existentes como uma maneira de destacar os pontos de indagação que tal classificação nos coloca e como modo de situar o leitor na discussão que é feita na literatura afasiológica. Esse exercício não é tarefa simples principalmente quando a metodologia empregada na coleta de dados não inclui os testes padronizados que são normalmente utilizados para este fim. O que se quer dizer com isso é que, se submetida a uma testagem por um teste-padrão reconhecido como o Teste de Boston (Goodglass e Kaplan, 1996), CN poderia ser encaixada em um dos itens da tipologia, já que um perfil decorreria da pontuação obtida. Uma tipologia assim, aliada ao uso de testes, é usada como referência em vários estudos atuais. Os perfis oferecidos por tal tipologia não foram criados a partir de testes, mas se servem destes para garantir sua legitimidade.

Autores como Schwartz e Caramazza (1984) discutem, de maneira geral, a classificação das afasias em síndromes a partir de um referencial cognitivista: Schwartz (1984) considera que as síndromes que derivam da aplicação dos testes e do agrupamento

de sintomas não constituem entidades reais; Caramazza (1984) argumenta que pacientes com um tipo de síndrome podem ter prejuízo de diferentes mecanismos psicológicos. Marshall (1993) elenca os problemas que vêm sendo apontados na literatura com relação à tipologia clássica, observando que “tem sido sugerido que a exploração das taxonomias afásicas clássicas não melhorará nosso conhecimento sobre sistemas e subsistemas que suportam o processamento de linguagem, nem guiará práticas de atendimento a pessoas com déficits de processamento de linguagem (Caramazza, 1984; Margolin, 1991; Schwartz, 1984)”. Segundo Marshall, outros dados dão suporte a uma abordagem caso a caso. “Apenas 40 a 50% dos pacientes afásicos podem ser classificados realmente como membros de um grupo taxonômico (Goodglass, 1981)”. Lesser & Milroy (1993) observam que freqüentemente as desordens dos sujeitos não se conformam às expectativas da síndrome.

Um forte questionamento sobre as categorias clínicas a partir de uma abordagem discursiva encontra-se em Novaes-Pinto (1999). A autora discute o caráter redutor das baterias de teste e a forma como se avaliam as dificuldades em termos de perdas e déficits, contrapondo essa forma de olhar para os dados de sujeitos afásicos aos dados obtidos em situações de uso efetivo da linguagem.

Embora não haja consenso sobre a classificação a ser utilizada para o estudo das afasias, uma das classificações facilmente encontrada nos estudos atuais refere-se àquela adotada por Goodglass e Kaplan (1996).

O quadro 1, a seguir, ilustra alguns dos itens principais envolvidos nessa classificação.⁷

⁷ Cada afasia apresenta uma extensa caracterização. Optou-se por apresentar apenas esse quadro ilustrativo por considerá-lo suficiente para os propósitos desta tese. A tipologia das afasias apresentada e sua caracterização é amplamente usada na literatura afasiológica.

Quadro 1 – Classificação das Afasias

Afasia	Não-Fluentes				Fluentes			
	Broca	Transcortical motora	Global	Transcortical mista	Condução	Anômica	Transcortical Sensorial	Wernicke
Fluência	-	-	-	-	+	+	+	+
Nomeação	-	-	-	-	+	-	-	-
repetição	-	+	-	+	-	+/-	+	-
compreensão oral	+/-	+	-	-	+/-	+/-	-	-
Escrita	-	+	-	-	+/-	+/-	+	-
compreensão escrita	+/-	+/-	-	-	+/-	+/-	+/-	+/-

O quadro acima apresenta uma listagem de alterações mais freqüentes e predominantes. Trata-se de uma leitura do sintoma a partir de uma decomposição da linguagem em tarefas: nomeação, repetição, escrita, compreensão oral/escrita e uma qualificação quanto ao fluxo de fala (não-fluência x fluência)⁸. Cada afasia é descrita a partir de correlação entre sintomas mais freqüentes e área de lesão. Tal correlação é oferecida enquanto causa e explicação dos sintomas, já que tal listagem prescinde de uma teoria sobre o funcionamento da linguagem.

Cabe ainda apresentar um outro perfil de alteração de linguagem decorrente de lesão cerebral que se alinha à tipologia proposta acima, embora considerado como distinto das afasias – a apraxia de fala (AOS - apraxia of speech). A apraxia de fala não aparece no quadro acima, por ser considerada uma desordem estrita na programação dos gestos articulatórios e por serem os gestos articulatórios considerados fora do âmbito da linguagem, como aspecto motor da fala.

Quadros apráxicos são diferenciados de quadros disártricos. Tal diferenciação procura descrever em que condições o sujeito é capaz de movimentar os órgãos fonarticulatórios.

⁸ Conferir o artigo "Sobre o Sujeito Fluente", Scarpa (1995).

Enquanto a disartria é referida como um grupo de desordens da fala resultante de distúrbio no controle muscular devido à lesão central e/ou periférica do sistema nervoso; a apraxia aparece definida como um distúrbio resultante de lesão cortical da capacidade de programar o posicionamento dos músculos da fala e a seqüência de movimentos para a produção voluntária, no qual não há alteração da função muscular ou se houver, ela não é suficiente para explicar os erros. (Darley et.al., 1975).

O termo disartria compreende distúrbios de processos básicos: respiração, fonação, ressonância, articulação e prosódia. Ocorrem desvios fonéticos decorrentes de lentidão, fraqueza ou incoordenação da função muscular; alteração na fonação, respiração, ressonância e prosódia; omissão ou imprecisão na produção de consoantes e consistência dos erros (Darley et.al., 1975).

Já na apraxia, observam-se erros na produção dos segmentos com substituição, adição, repetição, prolongamento e pausas; variabilidade do erro e dissociação automático-voluntário (Kent & Rosenbek, 1983).

Uma outra diferenciação é feita entre apraxia e afasia. Os pesquisadores procuram estabelecer os limites entre a apraxia de fala e a afasia de Broca, já que as manifestações desses dois quadros se assemelham. Ambos os quadros apresentam alterações fonético-fonológicas. No caso da apraxia, porém, essas alterações constituiriam um sintoma isolado, ou seja, não haveria outras alterações na expressão ou compreensão de linguagem e nem mesmo alterações em outras modalidades, leitura ou escrita.

Vale assinalar, no entanto, que a diferenciação entre síndromes afásicas está longe de ser tarefa tão fácil quanto a descrição da tipologia faz sugerir. No que diz respeito à diferenciação entre apraxia e afasia de Broca temos especial discussão na literatura, já que na maior parte dos casos descritos parece que os quadros coexistem.

Bose et al. (2001) fazem uma revisão da literatura sobre as apraxias. Retomam estatísticas que apontam que cerca de 80% ou mais de indivíduos com afasia de Broca têm apraxia de fala. Os autores consideram provável que déficits motores respondam em parte por *output* verbal reduzido e estilo telegráfico. Bose *et al.* (2001) descrevem aspectos da relação afasia e apraxia quando discutem os efeitos lingüísticos de uma terapia voltada para aspectos motores em um paciente com afasia de Broca e apraxia, argumentando a favor de

uma interação entre aspectos motores da fala e formulação da linguagem para explicar as diferenças observadas⁹.

Outros autores vêm dados que questionam a dissociação motor-linguagem ou fonético-lingüístico. Varley and Whiteside (2001), a partir de um modelo de rota dupla tal como proposto por Levelt, sugerem que o impedimento subjacente à apraxia de fala atinge a rota direta com conseqüências sobre a rota indireta. Assim sendo, consideram que o que se observa é uma estratégia de compensação: o sujeito passa a utilizar sempre a rota indireta que exige um processamento muito mais complexo, resultando em erros e coesão limitada. Eles observam que não há base ou evidência significativa sobre a eficácia da estratégia terapêutica baseada no treinamento dos segmentos. Para eles, isso ocorre porque esse tipo de terapia facilitaria a compensação, mas não trabalharia o déficit subjacente. Segundo os autores, não se restabelece a fala funcional. As implicações para o tratamento incluem o trabalho com unidades funcionais e de alta freqüência, facilitando acesso à informação lingüística.

Rochon, Caplan & Waters (1990), assim como muitos pesquisadores atualmente, sugerem um impedimento de memória de curto termo, relacionado ao *buffer* fonológico de saída – estoque temporário que sustenta ativação de itens particulares. Na prática, porém, a proposta de tratamento se mantém como um treino com listas de sílabas e palavras, com balanceamentos e passos cada vez mais detalhados.

Muitos autores assinalam que, na prática, é difícil dizer onde a parte afásica-fonológica termina e onde a parte apráxica começa. Consideram a apraxia de fala como uma desordem enigmática, cujo diagnóstico acaba feito por exclusão. Sugerem uma relação de um *continuum* entre apraxia e afasia.

A diferenciação entre apraxia e afasia a partir da ND é vastamente discutida em Freitas (1997). A autora observa que o quadro denominado apraxia de fala, tal como

⁹ O tratamento sugerido por Bose et al. Inclui repetição e geração de frases a partir de jogo de papéis e discussão de eventos cotidianos. O paciente faz 10 tentativas de 5 frases por sessão. O PROMPT é oferecido com pista física de movimentos chave. Os pesquisadores notaram resultados para sentenças imperativas e declarativas, mas nenhuma melhora com interrogativas. Sugerem que as interrogativas requerem mais recursos de processamento, deixando menos recursos disponíveis para a produção motora, resultando em performance motora mais pobre. No entanto, os resultados de performance anteriores ao tratamento não constataavam a mesma diferença.

definido na literatura, seria “um legítimo problema lingüístico de nível fonético, isto é, o termo práxico, neste caso, seria não apenas desnecessário, mas inapropriado” (op.cit: 56).

A assistemática nos gestos articulatórios, hesitações e alterações fonológicas presentes na produção de CN poderiam ser relacionadas à apraxia de fala ou afasia de Broca. Embora tais alterações guardem suas diferenças entre si, CN apresenta momentos com alterações fonético-fonológicas que poderiam permitir uma aproximação com tal tipologia. Cada um desses momentos, porém, não responde pela caracterização da linguagem de CN. Como já mostrado, os processos envolvidos nas produções de CN não podem ser reduzidos a trocas, omissões ou imprecisões. Além disso, como entender, dentro do que propõe o quadro 1, o modo peculiar de presença/ausência dos verbos em seus dados? Suas alterações discursivas não são nem mesmo contempladas no quadro 1. Mesmo se nos atemos a uma categoria que se pretende mais pontual, como o agramatismo, CN nos oferece uma série de indagações.

O agramatismo é apresentado como alteração de ordem sintática que perturba a capacidade de lidar com a classe de palavras funcionais, como verbos e conectivos (classe aberta). O sujeito exibe dificuldade para lidar com morfemas funcionais, produzindo enunciados com omissões de verbos ou com verbos no infinitivo e omissão de conectivos. O que vemos nos dados de CN não pode encontrar equivalência em tal descrição. Como já discutido, o modo como a afasia de CN afeta essa categoria não se traduz por um impedimento na conjugação verbal ou problemas com morfologia flexional. Além disso, vários dados nos mostram alterações que atendem a exigências pragmáticas e lhe garantem seu papel de sujeito falante diante das dificuldades impostas pelas alterações no funcionamento da linguagem que ela enfrenta.

Uma outra classificação reconhecida pelos estudiosos da área é a proposta por Luria.

Quadro 2

Unidade III – organização sintagmática		Unidade II – organização paradigmática			
Dinâmica	Motora eferente	Motora Aferente	Sensorial	Acústico- amnésica	Semântica
↓impulso da fala	↓melodia cinética	↓exatidão dos articuladores	↓audição fonêmica	↓memória áudio-verbal	↓síntese simultânea de relações lógico- gramaticais

Há diferenças entre os quadros 1 e 2, apresentados neste item, pertinentes para que se prossiga essa discussão. Enquanto o quadro 1 não convoca teorias sobre o funcionamento da linguagem para estabelecer seus perfis, no quadro 2, Luria procura uma aproximação com a teorização lingüística das afasias desenvolvida por Jakobson.

Para Luria (1976), um sistema suficientemente preciso de articulações depende da participação das zonas inferiores do córtex pós-central do hemisfério esquerdo. Uma lesão nessa região levaria à desintegração da articulação precisa, à troca de articulemas opostos semelhantes uns pelos outros e aparecimento de parafasias literais determinando a chamada afasia motora aferente (AMA). Por sua vez, as estruturas do córtex pré-motor do hemisfério esquerdo, especialmente suas zonas inferiores, garantiriam a plasticidade dos processos motores necessária para a passagem de um articulema a outro ou uma palavra a outra. Assim, a inércia patológica para os movimentos da fala e as perseverações que impedem a passagem de um articulema para outro constituiriam a afasia motora eferente (AME). O autor aponta, ainda, que a programação de ação seletiva e a inibição de todas as conexões irrelevantes exigem íntima participação dos lobos frontais.

A afasia motora aferente (AMA) refere-se a um distúrbio na habilidade de escolher oposições articulatórias. O estado patológico de zonas corticais pós-centrais em tais casos perturba a “lei da força” (Pavlov), condição normal do funcionamento cerebral essencial em processos que envolvem seletividade. Como consequência, estímulos fortes e fracos são igualados. Um articulema com traços comuns a outro pode aparecer e a precisão do sistema

paradigmático de contrastes é perturbada produzindo uma “afasia apráxica” ou afasia motora aferente (*op cit*, p. 101). Essa descrição de Luria se assemelha à descrição que CN faz de suas dificuldades em alguns momentos, como no DADO 1.

Algumas teorias conexionistas atuais parecem se aproximar da idéia de Luria de uma perturbação na lei da força. Ballard et al. (2001) observam que modelos conexionistas e teorias dinâmicas propõem um modelo de competição interativa – duelo na seleção. De acordo com tal modelo, estados atratores emergem através da interação entre partes do sistema. A apraxia revelaria uma perturbação dos estados atratores. Miller (2001), por sua vez, observa que, com reduzida inibição no sistema, manifestar-se-ia uma competição não-resolvida entre candidatos ativados – candidatos com vizinhança densa ficariam sujeitos a maior interferência que elementos isolados.

Luria se baseia na análise de Jakobson (1954/1975), lingüista que caracteriza dois modos de arranjo no funcionamento da afasia e que assinala:

É claro que os distúrbios da fala podem afetar, em graus diversos, a capacidade que o indivíduo tem de combinar e selecionar as unidades lingüísticas e, de fato, a questão de saber qual das duas operações é principalmente afetada se revela ser de primordial importância para a descrição, análise e classificação das diferentes formas da afasia. (Jakobson, *op.cit.*: 41).

Luria entende a AMA dentro do quadro de alterações paradigmáticas (seleção) e a AME nas desordens sintagmáticas (combinação).

Jakobson é o autor que apresenta a afasia como uma questão de linguagem e propõe uma teorização sobre processos envolvidos, considerando o estudo da linguagem em funcionamento: “Para estudar de modo adequado qualquer ruptura nas comunicações devemos, primeiro, compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.”(Jakobson, *op.cit.*: 34).

É a partir do estudo da afasia que o autor caracteriza os modos de arranjo do funcionamento da linguagem, baseando-se nos dois eixos que organizam a cadeia verbal:

paradigmático e sintagmático. Tendo em vista como cada tipo de afasia afeta diferentemente os dois modos de arranjo (combinação e seleção) implicados no signo lingüístico (estabelecidos por Saussure como *in praesentia* e *in absentia*), o autor caracteriza dois tipos de distúrbios: distúrbio de contigüidade e distúrbio de similaridade.

No distúrbio de similaridade, o contexto é fator decisivo (Cf. Jakobson, 1954/75: 42). Jakobson afirma que as palavras subordinadas por concordância ou regência gramatical seriam mais resistentes, o que não ocorre com CN. Como se poderá ver nos dados: “As frases são concebidas como seqüências elípticas a serem completadas” (Jakobson, 1954/75: 43), mas a dificuldade de evocação reside mais nos verbos e conectivos, no caso de CN. Na maior parte das vezes, aparecem verbos de ligação ou verbos que permitem uma interpretação mais genérica substituindo verbos mais específicos, ou ainda verbos semelhantes na forma, o que reforça a idéia de um distúrbio de similaridade. As alterações fonético-fonológicas, como já foi dito, também parecem relacionadas a perturbações no eixo similaridade/simultaneidade.

Jakobson apresenta o distúrbio de contigüidade como aquele que limita a possibilidade de combinar entidades lingüísticas mais simples em unidades mais complexas. Há desordem na combinação das palavras em unidades superiores e de relação entre os constituintes da palavra. Aparecem categorias não-marcadas, como o infinito no lugar das formas conjugadas.

As características relacionadas acima por Jakobson para análise do distúrbio da contigüidade podem nos ajudar a entender as alterações que CN apresenta no nível fonético-fonológico. A dificuldade de combinação de constituintes em unidades superiores se traduz na instabilidade de combinação de traços para a formação de fonemas, com tendência em direção ao não-marcado, neste nível lingüístico.

Jakobson considera que no distúrbio de contigüidade ocorre uma perturbação das regras sintáticas (agramatismo) e vínculos de concordância e regência são dissolvidos. As palavras dotadas de funções puramente gramaticais ficam ausentes. É característica da dificuldade de combinação das unidades lingüísticas, o uso de semelhanças, equivalências e identificações de natureza metafórica (Cf. Jakobson, 1954/75: 52). Um tema/termo se liga a outro por similaridade e não por contigüidade.

As alterações de linguagem de CN não são aquelas encontradas no agramatismo, mas podem ser entendidas como perturbações na contigüidade. Além do efeito de uma fala truncada, é possível perceber as relações de similaridade que se projetam na contigüidade.

Jakobson observa que embora o afásico não diga algo, o que ele diz em seu lugar caracteriza seu funcionamento de linguagem. Dessa forma, não é dito qualquer coisa. O funcionamento da linguagem na afasia está circunscrito às possibilidades dos dois eixos que organizam a cadeia verbal.

Reforçando a idéia de um imbricamento entre as características dos dois eixos, Jakobson se refere aos processos metafóricos e metonímicos. Dessa maneira, ganha visibilidade a idéia de predominâncias nas projeções entre processos. Considerando descrições e dados de sujeitos afásicos que encontra na literatura, o autor entende que há domínio de um tipo de arranjo e que a competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se manifesta em todo processo simbólico. Com isso, assinala que o que ocorre em um processo afeta o outro, dado o caráter indissociável de suas relações, como ressalta Gomes (2007).

Em “Linguística e Poética”, Jakobson (1960/75) salienta que essa predominância relativa às projeções de um eixo sobre outro também está presente fora de um contexto patológico, destacando a produção literária – poesia e prosa. Essas possibilidades, caracterizadas como patológicas ou não, seriam assim possíveis pelo que é próprio do funcionamento da língua.

Seguindo as idéias de Jakobson, Luria entende que na AMA a perturbação do sistema de oposições responde pelas dificuldades de seleção e a estrutura sintagmática não constitui um distúrbio primário. Luria distingue tal quadro da AME cujo déficit principal são as relações sintagmáticas, com prejuízo na recuperação da estrutura da sentença.

Jakobson, por sua vez, faz uma re-leitura da classificação das afasias proposta por Luria, entendendo que AMA e AME deveriam ser interpretadas como perturbações na combinação de elementos. Gomes (2007) observa que Jakobson, retomando a idéia de bidimensionalidade do fonema, já proposta por Saussure, considera que seleção e combinação podem trazer, ainda, dois outros tipos de relação subjacente: *sucessividade e simultaneidade*. De acordo com Gomes (2007),

Saussure definiu a seleção como simultânea e a combinação como sucessiva. Ao definir a combinação como sucessão de elementos, Saussure postula a linearidade da fala e o segundo princípio básico da linguagem de que 'não é possível falar dois sons ao mesmo tempo'. Jakobson (1939/67), em seus estudos na área da fonologia, mostra que é possível falar dois sons ao mesmo tempo, uma vez que, quando um fonema é realizado, produzem-se, ao mesmo tempo, todos os traços distintivos que o compõem. Assim, Jakobson afirma que o nível fonológico tem dois tipos de combinação: a combinação sucessiva (temporal, linear, seqüencial apontada por Saussure) e uma combinação simultânea de todos os traços que formam cada fonema. (Gomes, 2007).

Dessa forma, ainda acompanhando Gomes (2007), verifica-se:

AS AFASIAS	LURIA	JAKOBSON
Motora Eferente (AME)	Relacionada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda , ocasiona a desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas nos gestos articulatorios .	Afasia de desintegração que afeta a codificação de seqüências, a combinação sucessiva das seqüências temporais (passagem de um elemento para outro) em níveis baixos: sistemas fonológico e morfológico . Por isso dificuldades com a produção de segmentos, sílabas, palavras .

Motora Aferente (AMA)	Relacionada à lesão nas partes inferiores da parte pós-central do córtex , provoca alterações nos esquemas aferentes de produção dos gestos articulatórios.	Afasia de transição que afeta a combinação (codificação) de elementos simultâneos . “É um transtorno de contigüidade que afeta a única cadeia de constituintes co-presentes que existe na seqüência de sons da linguagem . A contigüidade bidimensional (seqüência e co-presença) dos traços distintivos desorienta o codificador na afasia aferente” (JAKOBSON, 1964: 197).
------------------------------	---	--

As características da linguagem de CN se aproximam de características da AMA, à medida que em seu relato e em suas tentativas outras produções insistem em aparecer e perturbam a organização de seu dizer. Tais produções apresentam matrizes semelhantes, diferindo em poucos traços, como caracterizado pelo autor. A combinação simultânea de elementos se mostra perturbada. Na fala de CN, elementos que concorrem numa mesma posição vêm à tona e ela mesma relata que é difícil contê-los. Portanto, para CN essa concorrência traz uma série de problemas, criando ruptura e obstáculos à compreensão do interlocutor. A simultaneidade fica exposta e, com isso, pode perturbar também o encadeamento. O voltar-se para a própria fala - na tentativa de conter a concorrência de elementos que surgem na cadeia, bem como na busca por elementos - confere a produção de CN a característica de uma fala truncada. Note-se, porém, que, contrastando com dificuldades de contigüidade, sua fala truncada não é determinada pela dificuldade em estabelecer relações entre os elementos que a compõem.

A dificuldade de CN com verbos, preposições e conjunções, no entanto, difere da compreensão dos sintomas relacionados à AME, já que ela não se justifica por dificuldades com a estrutura da sentença, tanto que, quando solicitada a rever sua fala ou escrita ou quando facilitado o acesso a alternativas, ela sempre é capaz de completar sua fala. A dificuldade aparece ligada à recuperação da forma verbal e não a problemas com morfologia flexional.

Não se pode dizer que os elementos não se articulem em uma sintaxe, já que é possível reconhecer na fala de CN restrições que permitem ao interlocutor alinhavar um texto. Observa-se, porém, que nem sempre esses elementos presentes na contigüidade criam as restrições necessárias entre si. Assim, por exemplo, CN se atrapalha na relação entre os advérbios e os tempos verbais, mas tal perturbação reflete uma questão peculiar.

Contrastando com dificuldades de contigüidade, sua fala truncada não é determinada pela dificuldade em estabelecer relações entre os elementos que a compõem. Nas dificuldades com os tempos verbais o que está em jogo é a relação tempo do enunciado e tempo da enunciação. CN relata os acontecimentos colocando-se como personagem no momento mesmo em que ocorrem e, assim, trazendo a conjugação verbal no tempo presente mesmo quando não em discurso direto. Esse descompasso temporal é que aparece exposto em sua fala. Há uma dificuldade na relação. De acordo com Benveniste (1976:281), a “forma verbal” é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre e necessariamente atualizada pelo ato do discurso e em dependência desse ato. São dificuldades dessa ordem e dificuldades de seleção que parecem explicar os problemas com as formas verbais no caso de CN.

Deve-se considerar, também, que, utilizando o tempo presente, CN pode se remeter com um campo de competição de seleção mais restrito. Para a conjugação do verbo no passado, um maior número de morfemas concorre, já que há maiores nuances semânticas em jogo. Do ponto de vista pragmático, portanto, é mais interessante que ela utilize o tempo presente, já que o passado poderia incorrer em mais dificuldade com erros e lentidão na resposta.

Há ainda outras questões a se fazer que indicam como o problema é complexo e não pode ficar circunscrito à perseguição de uma tipologia/ não se deixa aprisionar por ela. Dessa forma, pode-se questionar: por que essa alteração da seleção se manifestaria mais em verbos, quando o que ocorre em outros casos é uma dificuldade com nomes? por que se restringiria a uma categoria?¹⁰

¹⁰ Por ocasião da defesa desta tese, recebi da Banca várias sugestões de possíveis caminhos para responder a tais questões e compreender melhor o que ocorre com CN. Um dos caminhos sugeridos apontava para o estudo do léxico e a análise do verbo enquanto palavra de conteúdo. Uma outra contribuição indicava a possibilidade de aproximação com a Gramática Funcional, para estudar o fato de que o verbo concentra em

Embora não se encaixe nas descrições de Luria, AMA e AME, a teoria de linguagem de Jakobson, por Luria convocada, nos ajuda a elucidar importantes aspectos do quadro de CN, tendo em vista o jogo similaridade-simultaneidade-combinação-sucessividade.

sua morfologia uma semântica que diz respeito ao tipo de ação, estado, movimento e aí se assemelha aos substantivos e aos advérbios e uma morfologia flexional que denota número, tempo e aspecto. Desta maneira, selecionar um verbo não é só uma atividade em ausência – selecionar um em detrimento de todos os outros – mas também uma atividade de combinação simultânea. Além disso, poderia se questionar se essas dificuldades não poderiam ser relacionadas ao papel importante que o lobo parietal desempenha em enunciados complexos que envolvem espacialidade, como as dificuldades com encaixadas, relativas e passivas, enfatizando a maneira como representações espaciais estão inscritas na linguagem, na predicação sobre predicação, articulação sobre articulação, discurso direto e indireto e relação entre movimento (verbos) e percepção do espaço/ ação no corpo. Pretende-se explorar os caminhos apontados em trabalhos futuros.

3. Características do processo terapêutico

Este item recupera o processo longitudinal com CN (avaliação e acompanhamento terapêutico), destacando aspectos que se mostraram mais significativos nas mudanças observadas.

A CN que se apresenta para o acompanhamento, em novembro de 2006, é um sujeito tomado pela recusa às suas produções, voltado à constatação de seus “erros” e de sua condição afásica, separado por um “antes” e um “depois” que marcam seu dizer. A silabação representada no título deste trabalho na escrita da palavra afasia marca as soluções na própria língua e no jogo da linguagem e o corpo que presentifica a cena e o discurso direto em que CN pode driblar suas dificuldades pela fala do outro, um sujeito em cena.

A CN que prossegue hoje seu caminho pôde deixar vir sua fala, pôde experimentar efeitos em sua fala, pôde integrar seu corpo ao seu dizer, pôde rir de sua fala, pôde reconhecer-se no seu dizer, enfim, pôde participar de movimentos da linguagem que trouxeram mudanças.

Durante o percurso, deparamo-nos com inúmeras questões acerca do funcionamento da linguagem de CN, acerca da tipologia afásica e da teorização sobre as afasias, acerca do papel do terapeuta.

As questões apresentadas não se encerram aqui, mas marcam o compromisso de que qualquer resposta deve ser perseguida criticamente e que, talvez, a partir do que CN nos mostra, essas respostas possam *ganhar mais corpo*, fazendo o movimento dado-teoria/teoria-dado, tão caro a ND como esclarece Coudry (1996). A autora observa que a análise dos dados (via explicativa), nessa perspectiva, incita outros movimentos teóricos, contribuindo para a resolução de alguns problemas (às vezes, nem previstos pela teoria em questão) e a colocação de outros (cf. Coudry: 186).

Guardadas os objetivos e enquadres diferenciados entre os atendimentos psicanalítico e fonoaudiológico, algumas reflexões do psicanalista Winnicott contribuem para contar essa história do processo com CN. Winnicott (1983) afirma que, no início do atendimento psicanalítico, sempre procura se alinhar ao que é trazido pelo paciente. Tal

preocupação revelou-se produtiva no processo com CN. Ela passa a perceber o espaço desses encontros como um lugar no qual suas queixas podem ser reconhecidas. Ici segue inicialmente a queixa trazida por CN, atendo-se às questões fonético-fonológicas. Questionando junto com CN suas (im)possibilidades articulatórias, cria-se um espaço sentido como um lugar para expressar-se e trabalhar com a linguagem, e não como um lugar voltado à correção. CN pode mostrar, assim, todo um metadiscorso preservado sobre sua afasia, senti-lo reconhecido, sentir a necessidade de que *deixasse vir* sua fala, experimentar os movimentos trazidos por sua afasia, produzir mudanças. Dessa forma, Ici pode descobrir outras várias nuances de sua afasia, o papel do corpo na fala de CN, a dificuldade para trazer verbos e conectivos, as características de re-instauração da cena.

Quando CN chega para o atendimento, mostra-se extremamente rigorosa no julgamento de sua produção. Ela interrompe com frequência o seu dizer e se queixa de seus “erros”, atendo-se a questões fonético-fonológicas. Isso se mostra de tal maneira acentuado que Ici tem dificuldade para acessar informações que poderiam ser pertinentes para melhor compreensão do caso. O que ocorre com CN nesse primeiro momento pode ter relação com o fato de que um familiar, enquanto interlocutor privilegiado que assume seus cuidados, traduz sua crença na recuperação de CN mantendo a exigência em relação à sua articulação, já que a questão fonético-fonológica, provavelmente, parece-lhe mais passível de intervenção. Tal atitude, no entanto, embora colabore na recuperação parece, também, funcionar como uma interdição na fala de CN.

O vínculo construído com CN durante o período de seu acompanhamento longitudinal é de fundamental importância para que ela possa se movimentar enquanto sujeito criativo e lidar com seus sucessos e fracassos. Coudry ressalta a importância de criar “espaços em que se possa favorecer mecanismos de descoberta e expressão que o próprio sujeito elabora” (Coudry, 1986/88:198). Para isso é preciso que o terapeuta não se antecipe aos movimentos do sujeito. Winnicott (1983) atenta para o fato de que não se trata do terapeuta agir muito, interpretar muito, pelo contrário, trata-se da habilidade de movimentar o paciente movimentando-se o mínimo possível. Isso não significa que um terapeuta apenas observa ou que é mero coadjuvante, num papel que outro interlocutor qualquer poderia ocupar. Significa que deve se servir de seus conhecimentos sobre linguagem para intervir,

criando espaço para que o paciente se movimente, mostre seus recursos, experimente seus efeitos, reflita e se aproprie da reflexão e de suas experiências. É necessário que o clínico tenha sensibilidade para perceber o que pode provocar movimentos produtivos na fala desse sujeito.

Winnicott destaca a importância do terapeuta mostrar ao paciente que nem sempre o compreende: “eu retenho certa qualidade externa, por não acertar sempre no alvo ou mesmo estar errado” (Winnicott, 1983:153). Nesse sentido é que a recusa a certas produções de CN ou o confronto com momentos que exibem uma aparente incompatibilidade de funcionamento, obrigam CN a refletir e retomar produções de modo a provocar mudanças.

DADO 16 – o gato

Data: 06/08/07

CN estava contando para Ici o filme Shrek 2, um de seus prediletos. Ela conta que adora o personagem Gato. Ici pergunta a CN quem era o Gato. CN traz novamente a cena do filme na composição de sua resposta, encenando falas e atitudes dos personagens envolvidos, mas Ici tem dificuldade para apreender a relação que CN aponta entre o gato e o pai de Fiona (O pai de Fiona manda o Gato matar Shrek). CN prossegue contando o filme com grande entusiasmo, enfatizando o quanto achava que o filme era bom.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	Ici	No dois aparece um gato, num aparece?	Tom: dúvida	
2	CN	Ai é.	Tom: afirmativo	
3	Ici	Quem que é esse gato?	Tom: interrogativo	
4	CN	É... ... / O pai dela, ele...	Tom: hesitação	

5	Ici	Hum	Tom:	
6	CN	Antes que alguém é / mas-tá ele, aí, o carro. Não. Ca-ssô: “Vô lá”. Mas aí, ele, ele / Ah! É muito bom! Muito bom! É muito bom!	Tom: entusiasmo	Parece imitar o gesto do Gato, esticando o braço e aumenta a intensidade da voz em “Vô lá!”
7	Ici	Eu num entendi. O que que tem o pai dela a ver com o gato?	Tom: interrogativo	
8	CN	Não. O pai deles/ Não/ O pai dela, ela quer uma al-guém pra ma-tá ele. Aí o /	Tom: afirmativo	
9	Ici	Ah! Quer que mate o Shrek?	Tom: surpresa	
10	CN	É. Aí o ca/, o ca-to tá, tá aqui, né? E / é / é / Ele é uma ma-tador de aluguel, então /	Tom: afirmativo	Mostra o lugar onde o gato estaria, reconstruindo a cena.
11	Ici	Ah! Contrata o gato pra matá o Shrek?!	Tom: interrogativo	
12	CN	É. Mas aí, adora! Antes não. Ele tem uma / Ele tem uma / Ele e o pu-rro aqui. Ele assim.	Tom: hesitação	Indica, novamente, o lugar dos personagens.
13	CN	Mas é muito bom. Sempe. Aqui é muito muito. Não sei. Eu num sei aqui, mas nossa! Muito bom!	Tom: entusiasmo	
14	Ici	Do jeito que eles fazem, é? Ah! Legal! Eu preciso assistir.	Tom: entusiasmo	

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4.

Nesse dado, pode-se observar como CN recompõe a cena, traz a fala dos personagens em discurso direto e traz em seu corpo a caracterização do Gato. É da cena, desse lugar, que se põe a falar, incorporando cada personagem, utilizando gestos e recursos

expressivos e transmitindo suas emoções, com esses recursos, que vai tecendo seu texto.

CN deixa elementos em suspenso que o interlocutor poderia deduzir, como as referências dos dêiticos na linha 8 e a conclusão na linha 10. O entusiasmo de CN nesse dado contribui para que Ici opte por preencher o que fica em aberto ao invés de promover novas retomadas de CN. Ici faz, às vezes, de um narrador, resgatando as referências que CN não desenvolve e dando continuidade ao texto que CN deixa por completar (linhas 9 e 11). No entanto, por conta desse efeito de algo por *costurar*, Ici acaba pedindo que CN refaça sua resposta no dado abaixo.

Ici recupera com CN a conversa sobre o Gato que na sessão anterior. Elas conversam sobre a transcrição e a maneira como CN respondeu à pergunta sobre quem era o Gato e sua relação com o pai de Fiona. Ici e CN conversam sobre a necessidade de explicitar para o interlocutor as referências e as relações entre os personagens.

DADO 17 – Quem é o Gato?

Data: 13/08/07

Ici pede a CN que tente responder à questão sobre a relação entre o pai de Fiona e o Gato novamente, oralmente ou no papel. CN escreve o trecho a seguir.

O gato era um assassino, que o pai dela foi contratá-lo

O gato era um assassino, que o pai dela foi contratá-lo.

Veja-se acima que CN é muito bem sucedida em sua retomada por escrito, após a solicitação de Ici, quando já havia visto as dificuldades que sua resposta inicial impunha a seu interlocutor. Note-se que CN parece se esforçar por relacionar os termos e instanciar

seu enunciado, marcando o tempo, os conectivos e relacionando os pronomes de tal maneira que fica um excesso “que...contratá-lo”. Ficam excessivamente marcados na sintaxe as referências ao Gato. Os caminhos percorridos: a recontagem com o corpo presentificando a cena, a reflexão sobre os pontos de alteração, o recurso à escrita como outro lugar de dizer contribuem, no caso de CN, para o sucesso de sua retomada.

São momentos que se beneficiam de um olhar sobre o funcionamento da afasia, com possibilidade de uma retomada em que outros caminhos se fazem presentes. Tais momentos não buscam apontar problemas ou um conhecimento sobre a linguagem, mas sim, imprimir à posição do terapeuta certa “qualidade externa” como assinala Winnicott que provoque o sujeito para se movimentar, para se colocar em outra posição diante de sua fala, a partir de um efeito de *desalinhas* que leva o terapeuta a explicitar a necessidade da retomada. Trata-se na verdade de um movimento de ambos, que se torna possível de ser consolidado ao longo de todo um processo de acompanhamento longitudinal.

Nesse movimento que o terapeuta propõe, o que ocorre não é o simples reconhecimento de uma produção que se recusa, mesmo porque a recusa é um movimento que CN traz muitas vezes (característico nas afasias) e que não resulta, necessariamente, na possibilidade de trazer uma outra produção. Ou seja, não basta que alguém considere que a produção deva ser modificada ou reconheça uma alteração. Há, portanto, uma peculiaridade no movimento que ocorre no dado garantida pelo modo e momento em que ocorre.

O terapeuta deve estar atento para perceber e provocar diferentes movimentos no/do sujeito. Para tanto, faz-se necessário um posicionamento que lhe permita ver o que ocorre com o sujeito, para além das classificações, tendo em vista uma teoria sobre o funcionamento da linguagem em que o sujeito esteja incluído. Seus movimentos não objetivam uma postura corretiva ou pedagógica, um saber sobre a linguagem ou a revelação de um sentido para o que é dito.

Os efeitos peculiares provocados pelo pedido de retomada de Ici podem ser relacionados a um “posicionamento que permita ao sujeito determinado movimento”. Nesse sentido, constatamos a necessidade de teorização sobre uma estreita e complexa relação sujeito-linguagem, que não é contemplada em qualquer teoria sobre afasia. Na visão

estrutural proposta por De Lemos nos estudos de aquisição de linguagem, tal teorização ganha tratamento diferenciado, fundamental para a aproximação com a linguagem da criança. De acordo com De Lemos, o processo de aquisição de linguagem é um processo de subjetivação, no qual “a língua, o outro e o sujeito, enquanto corpo pulsional que emerge dessas relações, estão estruturalmente vinculados. Isto é, não podem ser tomados como instâncias independentes, unidirecionalmente ordenáveis” (De Lemos, 2001:7). Caracterizando três posições do sujeito, diferentes momentos de sua articulação teórica são expostos pela autora (De Lemos, 2002: 56):

“Da conjunção desses argumentos teóricos e empíricos emergiu, ainda que de forma preliminar naquele momento (cf. De Lemos, 1997), a proposta de que as mudanças que qualificam a trajetória da criança de infans a sujeito-falante são mudanças de posição relativamente à fala do outro, à língua e, em conseqüência, em relação à sua própria fala”.

“Em um segundo momento (cf. De Lemos, 1999 e 2000), essa mudança foi definida como mudança de posição em uma estrutura, no sentido em que não há superação de nenhuma das três posições, mas uma relação que se manifesta, na primeira posição, pela dominância da fala do outro, na segunda posição, pela dominância do funcionamento da língua e, na terceira posição, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala.”

O terceiro, por fim, destaca-se: “Essa proposta, assentada quer sobre a alteridade radical da língua relativamente ao organismo, quer sobre a consideração daquilo que, na fala da criança, aponta para um sujeito que, ao se constituir na língua, por ela é dividido, representava acima de tudo uma alternativa à noção de desenvolvimento” (De Lemos, 2002: 56).

No trecho acima, ganha destaque uma visão sobre a linguagem assentada sobre “a alteridade radical da língua”. Sendo assim, a preocupação em trazê-la para este trabalho tem o sentido de observar pontos de aproximação ou de diferença com a reflexão que se faz sobre o processo com CN e lançar luz sobre alguns temas compartilhados entre os estudos de afasia e de aquisição de linguagem, para teorias nas quais o sujeito e o funcionamento da linguagem estão incluídos, tais como: as mudanças no funcionamento da linguagem e na relação sujeito-língua, sujeito-afasia, sujeito-outro. Não se trata de destacar as mudanças de posição propostas pela autora da teoria na qual se insere e aplicá-la aos dados de CN, mas

aceitar o convite da autora para lançar algumas questões que nos parecem comuns sobre os dados.

Os dados de CN mostram que as mudanças ocorridas não podem ser interpretadas perseguindo-se apenas classificações ou isolando categorias gramaticais. Na seqüência de suas mudanças, CN passa, por exemplo, a hesitar menos, a apresentar menos alterações fonético-fonológicas quando traz a fala do outro para seu discurso, ou seja, quando incorpora a fala do outro como um personagem. Como as teorias atuais sobre apraxia e afasia, que excluem o sujeito de suas abordagens, poderiam se aproximar dessa característica de CN? Em que medida a mudança de posição é uma questão para essas teorias?

Um dos temas que os dados de CN traz e que se revela importante no processo terapêutico do qual participa refere-se ao auto-monitoramento e à auto-correção, momentos em que o sujeito está voltado para seu dizer.

O retorno do sujeito sobre seu dizer é alvo de pesquisas que procuram revelar processos cognitivos envolvidos no processamento da linguagem. O voltar-se para a própria fala não é atividade banal. Na Psicolinguística, na Neurolinguística, na Análise da Conversação, na Aquisição de Linguagem, são várias as teorizações sobre o assunto dentro da Linguística.

Na área de Aquisição de Linguagem, De Lemos oferece uma alternativa às visões que vêem nesses processos indícios de um sujeito cognitivo, sob controle do que diz, argumentos que a autora recusa. Tais momentos indicariam uma mudança de posição do sujeito na estrutura.

Nos estudos da afasia, tais momentos também aparecem marcados com a idéia de uma lógica anterior à linguagem, envolvendo um distanciamento da linguagem a qual se opera ou à medida que são identificados com relações que se resolvem apenas dentro do sistema.

Dentro de uma perspectiva enunciativa, porém, as explicações não implicam em supor uma anterioridade do sujeito, uma consciência ou controle do sujeito. A mesma recusa está presente nos trabalhos feitos a partir de uma visão estrutural da linguagem nas propostas de De Lemos (1997) sobre a fala da criança; Lier-De-Vitto & Fonseca (1997),

sobre a afasia, nos quais o questionamento sobre a relação entre linguagem e percepção, bem como metalinguagem podem ser encontrados.

No que tange a uma idéia de sujeito, porém, esta tese considera a visão de sujeito presente na Análise do Discurso francesa, segundo a qual o sujeito não controla o que diz, sendo seu discurso social e historicamente determinado. A questão é extremamente complexa, mas diante das interpretações de dados feitas neste trabalho, reconhece-se uma certa visão de sujeito nelas implicada. Dessa maneira, pensando nos sujeitos afásicos e sua linguagem ou na relação discurso e afasia, apontada por Coudry (1986/88), recusa-se a idéia de um sujeito livre, que está sobre controle da linguagem, origem e fonte de seu discurso, já que se assume sua determinação histórica e social, sua cisão a partir da noção de inconsciente, vendo um sujeito também constituído pela linguagem. Por outro lado, não o identifica com a idéia de um sujeito assujeitado, já que se pressupõe o sujeito afásico trabalhando com, sobre e na lingua(gem), na maneira singular de cada um lidar com a sua afasia, em como a afasia repercute naquele sujeito. Recuperam-se aqui duas citações que identificam a idéia de sujeito que aparece neste trabalho, a primeira de Coudry e em seguida, dois trechos de Possenti:

“O sujeito não é alguém que é soberano em relação à língua, nem seu criador. Mas também não é um repetidor ou reproduzidor. Nem deus, nem máquina. O sujeito é sempre incompleto, imaturo e, ao mesmo tempo, múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico, biológico, lingüístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um.” (Coudry, 1986/88: 67).

“Isto significa que não acredito em sujeitos livres nem assujeitados. Sujeitos livres decidiriam ao seu bel-prazer o que dizer numa situação de interação. Sujeitos assujeitados seriam apenas um ponto pelo qual passariam discursos prévios. Acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de subsistemas em processo”(Possenti, 1993:37).

“Para que o sujeito possa ser concebido como algo mais que um lugar por onde o discurso passa, vindo das estruturas, é necessário fazer a hipótese mínima de que ele age. Que, por exemplo, para compreender textos, não basta que ele ocupe um lugar; é necessário que ele produza uma atividade.” (Possenti, 1993:43).

Para indicar a recusa a uma abordagem que identifica a reflexividade da linguagem

com aspectos exclusivamente perceptuais e de memória, esta tese utiliza o termo retomada autonímica para fazer referência a episódios nos quais está implicada uma certa postura em que o sujeito se volta reflexivamente sobre a língua. A noção de fato autonímico utilizada por Figueira (2001/2002) é trazida de Rey-Debove (1978).

Figueira (2001/2002) analisa dados da fala infantil e distingue momentos em que “a criança retoma reflexivamente – para corrigir, retificar ou simplesmente modificar – palavras de sua própria produção ou da produção lingüística de seu interlocutor”.

Em sua análise dos dados, a autora recorre à “noção de fato autonímico (Rey-Debove, 1978, 1997; Authier-Revuz, 1995), estendendo-a para um quadro de interpretação que procura mostrar uma mudança de posição do sujeito, no processo de sua constituição como falante (De Lemos 1997, 2000; Figueira, 1997, 2001)”. Figueira traz a definição de Rey-Debove e considera: “O que é um signo autônomo? *Tome um signo, fale dele, e aí você terá um autônomo* – esclarece-nos J. Rey-Debove. O signo autônomo é marcado por um estatuto morfossintático particular. Quando tomada em si mesma e não em uso, um signo/uma palavra pode ser destacada por uma pausa na entonação (quando se trata de produção oral) ou colocada entre aspas (quando se trata de produção escrita). Pode ainda – mas isto não é obrigatório – ser precedida por apresentadores metalingüísticos do tipo *o termo, a palavra, a expressão X*.”

A autora distingue dois tipos de retomada autonímica: as retificações e as réplicas. As retificações referem-se a momentos em que o sujeito se volta para sua própria fala. As réplicas são definidas como momentos em que o sujeito “apõe à fala de seu interlocutor uma outra, que lhe é divergente ou até, controversa; destaca um item do enunciado de seu interlocutor e o substitui por outro”. Sobre as réplicas, a autora ainda observa: “É um caso de não-coincidência do dizer, para utilizar livremente a expressão - título do livro de Authier-Revuz (op.cit.).”

Os dados abaixo mostram momentos em que a partir da marcação de Ici, CN já pode modificar sua produção.

DADO 18 – Na festa

Data: 17/09/07

CN estava contando como tinha sido a festa do aniversário de sua sobrinha. Ici pergunta com quem ela conversou. CN descrevia com quem era mais fácil conversar e como foram os diálogos.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	É que meu pai e a mu-lhé dele / Ele: “Num en-ten-di”. Então, ele num / é / num / Ela fala. Aí, vô / Aí, né?	Tom: afirmativo	
2	Ici	Aí vô o quê?	Tom: interrogativo	
3	CN	Aí vô tentando.	Tom: afirmativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Ici insistia com CN na produção de verbos. Após o pedido de retomada de Ici, CN reconhece essa dificuldade e inclui a conclusão que havia abandonado.

DADO 19 – Na festa

CN contando com quem conversou na festa.

Data: 17/09/07

Veja-se no dado 19 como CN mostra que agora não só pode completar seu dizer, como também incorporar os caminhos sugeridos durante a sessão, registrando sua melhora.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Ah! É / xô vê / Minha tia, irmã do pai / Meu, meu pai / foi só com ela porque /	Tom: suspense	
2	Ici	O que só com ela, CN?	Tom: interrogativo	
3	CN	Péra.	Tom: afirmativo	
4	Ici	Eu vou pegar no seu pé pra você completar suas idéias.	Tom: afirmativo	
5	CN	É / é / com-fer-sar só com ela.	Tom: afirmativo	
6	Ici	Como é que é? Num entendi.	Tom: interrogativo	
7	CN	Con-ver-sar.	Tom: afirmativo	
8	Ici	Hum.	Tom: afirmativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

No dado 19 acima é possível observar que CN é capaz de retomar com sucesso suas falas, após a solicitação de Ici.

DADO 20 – Na festa

Data: 17/09/07

CN continua contando sobre a festa de aniversário da sobrinha. Ela relata que após a festa estava tão cansada que a sobrinha estranha.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Mas é tudo é al-mo-çar lá.	Tom: afirmativo	
2	Ici	Todo mundo o quê?	Tom: interrogativo	
3	CN	Foi pra al-mo-çar. Nossa! Na / Eu tava assim.	Tom: humorístico	coloca o corpo jogado na cadeira relaxadamente.
4	CN	E ela: “Nossa! Ô, tia! Mãe o que a tia tem?”	Tom: humorístico	
5	CN	E eu	Tom: humorístico	
6	CN			Faz expressão de cansaço, puxando a musculatura da face para baixo.
7	Ici	O que que ela falou? O que que ela perguntou?	Tom: interrogativo	
8	CN	“O que a tia tem?” “Tá can-sa-da.”	Tom: humorístico	

Fonte: Tabela BDN CNPq n°521773/95-4

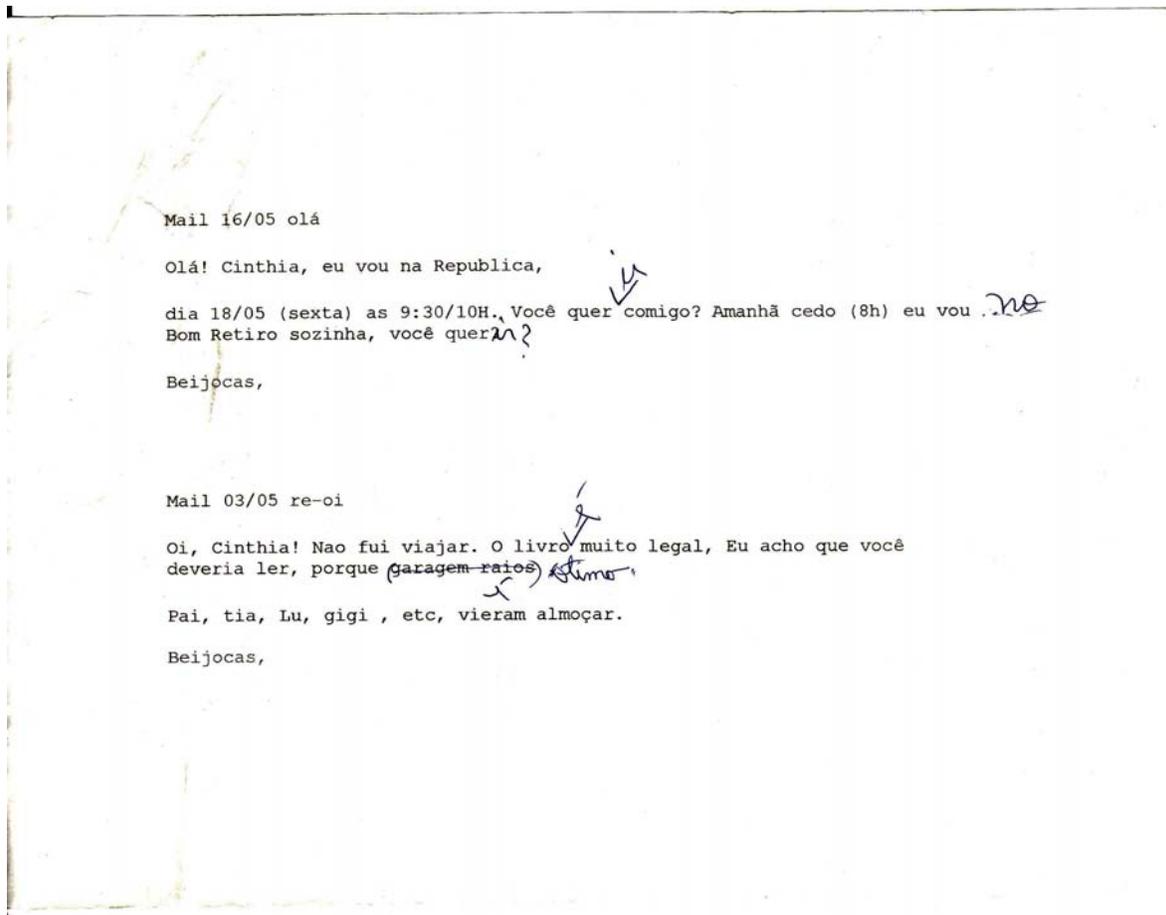
O pedido de reformulação de Ici tem o efeito positivo sobre a fala de CN, quer seja levando as duas a discutir sobre o que está acontecendo, quer seja levando a retomadas.

O uso do corpo permanece uma constante, colaborando para reconstituir toda a cena e também suas falas. A marcação de quem está falando fica por conta das alterações que CN faz no tom de voz.

DADO 21 – e- mails

Data: 02/08/07

Ici propõe a CN que releia alguns e-mails que trocaram, procurando ver se existe algo para ser modificado. CN faz várias mudanças, incluindo verbos e conjunções e se depara com uma dificuldade maior para definir uma preposição.



Mail 16/05 olá

Olá! Ici, eu vou na Republica,

dia 18/05 (sexta) as 9:30/10H. Você quer comigo? Amanhã cedo (8h) eu vou
Bom Retiro sozinha, você quer?

Beijocas

Mail 03/05 re-oi

Oi, Ici! Nao fui viajar. O livro muito legal, Eu acho que você deveria ler, porque...

Pai, tia, L, G , etc, vieram almoçar.

Beijocas

Mail 01/08 atendimento

Olá, Ici! Eu acho pode aqui Campinas!

Beijocas

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Re-pru-bi-ca dia sexta você quer IR /	Lendo algumas partes do e-mail em voz alta ¹¹ .	Fazendo a correção no texto escrito.
2	CN			Escreve “ir” entre “quer” e “comigo”, corrigindo sua escrita anterior.
3	CN	Comigo. Amanhã cedo eu vou é / é / eu vou Bom Retiro sozinha. Você quer IR ?	Tom: interrogativo	Completa a escrita do seu e-mail com o verbo “ir”.
4	Ici	O que você achou dessa parte?	Tom: interrogativo	Mostra a escrita de “eu vou Bom Retiro sozinha”.

¹¹ A gravação não capta as primeiras palavras lidas.

5	CN	Aqui tem mais coisa.	Tom: afirmativo	Aponta para o espaço depois de “vou” e coloca um tracejado no local indicado.
6	Ici	É. Tem mais coisa.	Tom: afirmativo	
7	CN	Num sei. Num sei. Eu vou. Amanhã cedo eu vou.	Tom: pensativo	
8	Ici	Saindo daqui, você vai fazer o que hoje?	Tom: interrogativo	
9	CN	Num sei.	Tom: negação	
10	Ici	Ah CN! Alguma coisa!	Tom: surpresa	
11	CN	Vou no banco.	Tom: afirmativo	
12	Ici	No banco.	Tom: afirmativo	
13	CN	Eu ir/ eu vou. Ai meu Deus vou ir no banco. No?!	Tom: dúvida	
14	Ici	Não te soa bem?	Tom: dúvida	
15	CN	Não tem nada.	Tom: afirmativo	Escrevendo “no” sobre seu tracejado.
RECORTE				
16	CN	Oi, Ici! Eu fui viajar.	leitura de outro e-mail seu.	
17	Ici	Não é isso que está escrito aí.	Tom: afirmativo	
18	CN	Não fui viajar. O livro muito legal. É /	Tom: afirmativo	Insero o verbo “é” que não fazia parte de sua escrita anterior.
19	CN	muito legal. Eu acho que você deveria ter / não/ ler porque é /	Tom: hesitação	

		não / porque /.		
20	CN			Acrescenta “é ótimo” finalizando o e-mail que havia ficado incompleto.
21	CN	É ótimo.	Lendo.	
22	CN	Eu asso que pode ser.	Lendo outro e-mail escrito por ela.	Escreve “que” entre acho e pode e acrescenta o verbo “ser” em seguida.
23	CN			Interrompe a leitura e se volta para Ici.
24	CN	E agora?	Tom: interrogativo	
25	Ici	Onde?	Tom: interrogativo	
26	CN	Aqui, Campinas.	Tom: afirmativo	Indica o espaço entre “pode ser” e “Campinas”.
27	CN	Agora num sei.	Tom: afirmativo	
28	Ici	Agora é a mesma coisa que no Bom Retiro, no Banco.	Tom: afirmativo	
29	CN	Na?	Tom: dúvida	
30	Ici	Seria na cidade de Campinas, poderia ser, mas é que quando você vai por direto o nome da cidade você não põe a marcação de feminino “a”. Você põe só a preposição “em”.	Tom: explicativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Novamente, no primeiro e-mail, fica marcada a locução verbal como um lugar de instabilidade, como se um verbo só já fosse suficiente e, de fato, Ici entendera a mensagem de CN. Na re-leitura, porém, CN não apresenta qualquer dificuldade para acrescentar um

outro verbo. É ela mesma quem sente a necessidade de acrescentá-lo. É interessante notar que enquanto busca a melhor maneira de refazer a outra sentença, inserindo a preposição, ela traz outra locução verbal – vou ir. A preposição surge na conversa provocada por Ici, mas não ganha reconhecimento imediato no texto de CN.

O segundo e-mail já inicia com um grupo verbal – fui viajar – que se fizera presente no texto de CN sem problema. Já na segunda sentença, CN insere o verbo após re-leitura e completa rapidamente a parte final do texto que havia deixado em suspenso.

O último e-mail traz dificuldades semelhantes. Ici havia perguntado para CN em e-mail anterior se o próximo atendimento seria em São Paulo ou em Campinas. CN responde e na re-leitura insere o conectivo e o outro verbo da locução verbal. É CN quem sente a necessidade de acrescentá-los, durante a re-leitura. O impasse, porém reside em decidir a preposição mais adequada no final do e-mail. CN faz um ajuste provável, com a alteração de gênero – na, que não servia nesse caso específico.

Todo o percurso que CN faz com Ici possibilita que ela possa se reconhecer na sua fala, com suas alterações, retomadas e sua afasia. Esse reconhecimento aparece marcado, por exemplo, no dado a seguir, no riso, seguido de mudanças em suas produções. O riso parece ser um bom indício da constituição de um espaço terapêutico, indicando que CN se reconhecia *inteira* no atendimento, com seu *corpo*, seus *erros*, suas *reflexões*, seu *passado* e seu *presente* comparecendo às sessões. Isso importa para uma teoria que, com foco na linguagem, e, justamente por isso, entendendo que seu funcionamento não prescinde de um sujeito, o coloca em posição privilegiada. O riso indica ainda um posicionamento de CN frente à sua fala e à sua afasia que difere daquele que anteriormente a aprisionava na recusa das produções que ela reconhecia como alteradas.

As diferentes práticas dialógicas a que fica exposta durante o acompanhamento longitudinal proporcionam a CN a possibilidade de experimentar os caminhos para suas retomadas. CN expressa que reconhece caminhos já experimentados também no dado 22, quando avisa que *vai ver o que vem*, já que percebia que em alguns momentos sua

tentativa excessiva de controlar sua produção a aprisionava num lugar de onde nada surgia.

DADO 22: Fila

Data: 01/10/07

CN havia mostrado as cicatrizes das mordidas de um cão da raça Fila que ela tinha quando era criança. Ici pergunta como tudo aconteceu. CN diz que ele não queria atacá-la, mas sim, tirar seu capuz. Em seguida, começa a contar sua rotina com os cães e como transcorreu aquele dia. Ela conta que chegou da escola e foi beijar os cães, como sempre fazia.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições de produção do enunciado não-verbal
1	CN	Aí, assim, tudo dia eu/ Péra. Tudo dia eu/ é.../ E agora? Ai num / Vô vê que vem.	Tom: explicativo	
2	Ici	Vê o que vem.	Tom: afirmativo	
3	CN	Tudo dia/ todo dia que eu chega-va / Eu vou lá/ Eu vou.	Tom: humorístico (risos)	
4	Ici	Você sabe que num é “eu vou”, né? É eu /	Tom: humorístico	
5	CN	Ia! Eu / Ichi / Ia!	Tom: afirmativo	
6	Ici	Hum hum	Tom:afirmativo	
7	CN	Ai! Eu num sei o / que verbo.	Tom: dúvida	
8	Ici	Ia, num sei que verbo.	Risos	

9	CN	Num sei agora.	Tom: incerteza	
10	Ici	Todo dia que você chegava	Tom: suspense	
11	CN	Da es-co-ra.	Tom: afirmativo	
12	Ici	Da escola.	Tom: afirmativo	
RECORTE				
13	CN	Eu ia/ É... uma bi-sso, mas não no fo-ci-nho assim.	Tom: afirmativo	Indicando o lugar onde seu cachorro ficava e refazendo a cena.
14	CN	Eu não sei o que é agora.	Tom: afirmativo	
15	Ici	Ah! Você passava a mão no focinho?	Tom: interrogativo	
16	CN	Não, não. É bei-jo.	Tom: afirmativo	
17	Ici	Ah! Dava um beijo?	Tom: interrogativo	
18	CN	É.	Tom: afirmativo	
19	Ici	Ah! Então, todo dia... Qual que é o verbo?	Tom: interrogativo	
20	CN	Beijava? É isso, não?	Tom: interrogativo	
21	Ici	É. Ah! Você ia beijar?	Tom: interrogativo	
22	CN	Eu fui. Assim: fica a Soneca, ponto, o Boxer.	Tom: afirmativo	Indica o lugar dos cães e repete os movimentos que fazia, abaixando o corpo e simulando um beijo, seguindo uma seqüência de beijos.
23	Ici	Não. Mas agora me fala o quê?	Tom: interrogativo	

24	CN	É é péra. Eu sei, mas num /	Rindo	
25	Ici	Escreve pra ver se ajuda.	Tom: afirmativo	
26	CN	Não, eu sei o que é aqui. Não, eu sei agora, mas é fo-ci-nho cur-to.	Tom: afirmativo	Simula a cena do beijo no cachorro.
27	Ici	Ah, tá o boxer tinha focinho curto e aí então você fez assim pra mim. O que que é?	Tom: interrogativo	Repete a encenação do beijo.
28	CN	Na casa, na ca-beça dele.	Tom: afirmativo	
29	Ici	Mas o quê na cabeça dele?	Tom: interrogativo	
30	CN	É é bei-ja-va.	Tom: afirmativo	
31	Ici	Isso. Beijava a cabeça dele. Ah, tá.	Tom: afirmativo	
RECORTE				
32	CN	Eu assim.	Tom: suspense	Repete a cena.
33	CN	Eu beijou e	Tom: afirmativo	
34	Ici	[Eu beijou não.	Tom: afirmativo	
35	CN	Bei-ja-va. Fui, foi bom e assim ele viu que tem uma uma /	Tom: afirmativo	

Fonte: Tabela BDN CNPq nº521773/95-4

Na linha 1, CN incorpora a fala que Ici costumava dizer cada vez que CN parava de falar no meio de uma conversa: “Deixa vir. Vê o que vem”. Como havia acabado de conversar com Ici sobre suas dificuldades, ri cada vez que reconhece uma delas.

Na linha 10, Ici retoma o começo da narrativa na tentativa de ajudar CN.

Mais adiante, reaparece a dificuldade que se relacionava a forma do verbo – beijar. O que vem é o nome – beijo. Em seguida, CN vai fazendo ajustes no tempo, procurando a

melhor maneira de prosseguir com seu relato. Em seu relato aparecem: Eu vou. Eu ia. Beijava. Eu fui. Eu beijou; indicando que várias formas estão circulando em seu discurso e que ela está podendo experimentá-las e colocá-las em movimento à partir das diversas situações dialógicas às quais fica sujeita no acompanhamento longitudinal.

O uso do corpo aparece o tempo todo. Ela indica onde estava cada cachorro e refaz toda a cena vivida à medida que conta. Esses movimentos fazem parte de seu relato e colaboram para que ela possa refazer suas falas. Ici por sua vez, vai solicitando retomadas e indicando os pontos que criam dificuldade para compreensão de seu interlocutor.

Na última linha, 35, ela ainda prossegue fazendo ajustes nos tempos verbais.

CN marca seu estranhamento diante de sua produção, mesmo quando ainda não a modifica. Atualmente, aparecem, como no dado acima, falas do terapeuta que foram assimiladas¹² e diversos momentos de reflexão sobre suas produções, a partir de retomadas promovidas durante a sessão. Essa característica nova na interação com Ici fala a favor de uma evolução em seu quadro clínico. Ela tem condições de retomar suas falas, direcionando sua produção a partir do que já experimentou.

Nessa evolução de seu quadro clínico, a re-instauração da cena enunciativa ganha destaque e atesta a necessidade de um estudo sobre a afasia que vá para além de descrições classificatórias. Elas falam do modo de presença do sujeito na linguagem e do modo peculiar pelo qual CN traz o outro em seu corpo e em sua voz, de tal maneira que, por essa voz, se põe a falar. Quando isso ocorre CN não fica tão sujeita às alterações de linguagem

¹² Coudry (1986/88: 160) traz um dado que indica essa característica no atendimento (No dado, P é o sujeito afásico que fora acompanhado por Coudry / Maza e O é a irmã de P.).

(89) [25-05-86]

P. – Bruno, carro.

O. – Num entendi.

P. – Foi a Maza (apelido da autora), né? (refazendo a construção anterior). O Bruno precisa do recibo carro hoje.

impostas pela afasia (alterações fonético-fonológicas, sintáticas, discursivas). A narrativa, por sua vez, lhe impõe que se posicione diante do que conta, trazendo dificuldades. Isso se reflete também em seu texto escrito. Atualmente, seus e-mails trazem elementos funcionais e expõem um encadeamento no qual as relações entre esses elementos também se fazem presentes. Seus textos argumentativos também exibem mudanças e atestam sua melhora, mas também por suas características, exigem que enfrente outras dificuldades.

DADO 23 – e-mail para o médico

Data: 08/02/08

CN pede ajuda para Ici para escrever um e-mail para seu médico. Ici pergunta o que ela gostaria de escrever. À medida que CN faz seu relato, Ici solicita que digite o que acabara de dizer. CN escreve tudo sozinha. Note-se como aparecem os conectivos, tempos verbais e mesmo o discurso indireto e como ela organiza seu texto seguindo todos os itens necessários para atingir seu objetivo. As únicas intervenções que Ici faz são: a sugestão de colocação dos dois pontos, porque CN sente que faltava algo ali; a sugestão da palavra “*atual/atualizada*”, quando CN fala “*agora/de hoje*” e se mostra insatisfeita, perguntando a Ici como dizer.

Olá, Dr. E.! Como passou de carnaval?

A minha tia disse que ia falar com você sobre 02 relatórios que eu preciso: INSS e Detran.

Eu marquei a perícia do INSS no dia 29/02. Eu preciso um relatório que me ajude a conseguir o que quero.

Eu preciso de uma carta atual para ir no Detran (agora eu sei como fazer), igualzinho a outra atualizada.

Você avisa quando ficarem prontos. A minha fono (Ici) vai passar para pegar.

Obrigado.

CN.

Vale marcar que o e-mail acima difere de outros trazidos nessa tese, nos quais CN se dirigia a Ici. O e-mail acima apresenta outras características, já que é um e-mail formal, escrito para o médico, quase uma carta. Trata-se de um e-mail extremamente complexo no qual a escrita de CN se desdobra pela fala com Ici. Ela fala com Ici para falar com o outro

(seu médico). Isso pode ter funcionado como um meio para provocar o discurso indireto que aparece acima.

Escrevendo um panfleto sobre animais e presença terapêutica para ser distribuído aos participantes do CCA, CN se depara com maiores dificuldades. Segue um trecho do panfleto, mostrando sua primeira escrita e as refações, após solicitação de Ici.

Dado 24 – Panfleto

Data: 15/02/08

CN havia escrito em sessão anterior itens que ela gostaria de incluir no panfleto que estava elaborando: Não compre, adote ; Vacinação. Agora, ela se propõe a começar a preencher esses itens. CN digita seu texto no computador.

Primeira escrita:

Os cães têm sentimento. Não compre, adote.

Vacinação: Nos primeiros meses de vida, o seu cão ou gato, terá que tomar vacinas.

Ici diz para CN que no primeiro item, não fica claro para o leitor qual a relação entre a primeira e a segunda afirmação. Sua fala não se desdobra e se abre a várias interpretações. CN permanece longo tempo olhando para tela e diz não saber o que fazer. Ici pergunta: Por que se os cães têm sentimento, as pessoas não devem comprá-los, mas adotá-los? CN escreve o trecho a seguir:

Segunda escrita:

Os cães têm sentimento. Não compre, adote. Todos de raças ou vira-lata ficam no lugar para adotados ou mortos.

Vacinação: Nos primeiros meses de vida, o seu cão ou gato, terá que tomar vacinas.

CN pergunta a Ici se o texto havia melhorado. Ici responde que sim, mas que poderia ficar ainda melhor. CN faz uma outra produção.

Terceira escrita:

Não compre, adote: Todos de raças ou vira-lata ficam no lugar para adotados ou mortos - O CCZ - Centro de Controle de Zoonoses – Campinas. Os cães têm sentimento e muitos estão sofrendo.

Vacinação: Nos primeiros meses de vida, o seu cão ou gato, terá que tomar vacinas.

Note-se que CN além de desdobrar sua escrita, nos processos de refacção, procede à alteração da ordem dos seus argumentos como solução para explicar sua análise do tema.

Observa-se que diferentes tipos de texto impõem diferentes dificuldades para CN. Enquanto no e-mail ela pode se colocar como se conversasse com o seu médico para fazer-lhe uma solicitação, no segundo caso, o texto além de colocá-la em uma posição de quem prescreve condutas, ainda exige que ela exponha argumentos para convencer seus leitores. O primeiro texto se aproxima bastante da oralidade e o segundo tem como característica a impessoalidade.

De qualquer maneira, embora os dois textos registrem os progressos de CN, eles também mostram que não se trata de ensinar linguagem a CN ou treinar regras gramaticais, nem tampouco ensiná-la a estabelecer relações entre os elementos. Ela estabelece todas as relações pertinentes e as organiza perfeitamente no primeiro texto (seu e-mail para o médico). As dificuldades surgem quando um outro tipo de texto exige de CN um outro posicionamento em relação ao outro e em relação a seu próprio dizer.

Embora ainda com dificuldades impostas pela afasia, CN mostra que está cada vez

melhor e lidando com isso de uma maneira muito diversa da que ocorria no início de seu acompanhamento. Recentemente, no primeiro atendimento de CN no ano de 2008, Ici perguntava a ela sobre seus projetos para o ano que se iniciava. CN relatava estar na expectativa sobre a perícia do INSS prevista para o mês seguinte. Ici argumenta que poderia ser interessante definir seus projetos de vida, mesmo sem saber o resultado da perícia, para que ela não ficasse tão à mercê desse resultado. CN conta então sobre a vontade de desenvolver um trabalho com a irmã em comércio e um trabalho com animais. Os dois projetos parecem muito significativos da presença da saúde de CN, da vida em sua vida. O primeiro exige que enfrente sua afasia e o mundo, já que se trata de um ponto comercial, uma atividade de contato constante com o outro e com o mundo. O segundo indica seu compromisso com coisas que a fazem feliz e que a fazem “sentir-se viva e real” (Winnicott e Sacks): estar com os animais. O segundo projeto envolve ainda mais: ela quer dividir com outros sua experiência do AVC e a participação dos animais em seu restabelecimento.

Considerações Finais

No percurso com CN, foi importante a construção de um espaço no qual ela pudesse *deixar vir sua fala* e experimentar movimentos e os efeitos desses movimentos sobre seu dizer. O reconhecimento de seu funcionamento de linguagem e seus lugares de instabilidade (semelhança fônica, recuperação da forma verbal, uso de conectivos, relação enunciado/enunciação, relação própria fala/fala do outro), bem como seus modos de perturbação (combinação simultânea e sucessiva) ajudaram a promover mudanças.

Muitas questões surgiram, muitas tentativas para respondê-las também. As mudanças ocorridas com CN nos indicam caminhos e nos apontam novas questões sobre a linguagem, sobre a afasia, sobre o processo terapêutico.

Diante das questões presentes no quadro de CN, constatou-se a singularidade de um caso que se recusa a encaixar¹³ nas classificações e descrições existentes, revelando os limites para o estudo da afasia fora do contexto de seu funcionamento.

A partir da abordagem discursiva que orientou a avaliação e o acompanhamento clínico de CN, foi possível reunir um conjunto representativo de dados e de aspectos implicados em sua produção/interpretação que configuram a afasia de CN e sua evolução clínica. Dessa maneira, constatou-se, como afirma Coudry (1986/88), que “Uma avaliação centrada em uma perspectiva discursiva amplia o universo de estudo dos problemas lingüísticos do sujeito afásico e oferece acesso empírico à observação e análise das múltiplas faces do objeto lingüístico envolvidas em um determinado processo patológico”. (Coudry, 1986/88:196).

A partir de uma concepção de linguagem historicamente marcada e de um referencial discursivo (interlocução, jogo de imagens entre interlocutores e sobre o referente, condições de produção dos enunciados, papéis discursivos, subjetividade e práticas discursivas), foi possível acompanhar um percurso no qual Ici propõe a CN que participe de diferentes situações dialógicas, o que lhe possibilita entrar em contato com suas

¹³ Valeria salientar que não é CN que não se encaixa nas categorias, mas as categorias que não dão conta de explicar o que ocorre com CN.

dificuldades de maneiras diversas. CN ocupa diferentes papéis discursivos e reflete sobre as situações que enfrenta e sobre como as enfrenta. CN não está, assim, lidando com suas produções em si, mas com diferentes contingências enunciativas. A partir das diferentes respostas que tem do outro e que dá ao outro e dos diferentes ajustes que tem que fazer nesse percurso, experimenta diferentes maneiras de lidar com sua afasia e consigo mesma nessa condição.

A interlocução, na qual se configuram papéis e lugares discursivos, e as condições de produção dos enunciados, permitem falar de uma situação discursiva que lhe confere um lugar de onde ela acessa ou não possibilidades como falante. É no exercício da linguagem que CN pode reconhecer-se como falante e exercer sua *condição de sujeito da linguagem*. Assim, a compreensão do funcionamento de sua afasia não depende de considerar apenas o sistema da língua *stricto sensu*, no qual aspectos fonético-fonológicos e sintáticos estão presentes, mas depende também de levar em conta aspectos enunciativo-discursivos como constitutivos dessas produções.

As características da afasia de CN reforçam a idéia presente em outros estudos alinhados com a proposta teórica da ND de que as chamadas alterações motoras da linguagem (nível fonético-fonológico) não ocorrem fora de sua condição simbólica, nem, tampouco, fora de sua condição de uso. (Fedosse, 2000: 143).

A perspectiva teórico-clínica adotada neste trabalho permite perceber como os níveis lingüísticos que interagem na produção da cadeia verbal e os aspectos discursivos são cruciais para a compreensão da *forma* e do *sentido* das produções que se apresentam. Dessa forma, a partir de uma outra concepção de linguagem, CN pode lidar com sua afasia, sem definir-se pela falta e pelo erro, consequência presente quando o atendimento se assenta sobre uma concepção de linguagem enquanto código e uma idéia de que a linguagem deva ser ensinada ou treinada.

O enfoque do atendimento anterior de CN trazia consigo a idéia de ajuste e submissão, que a deixava num lugar infantilizado, ao qual não se ajustou. Submissão é uma forma de não viver. Ela mesma intui isso e expressa sua busca no Dado 10: “*A pior coisa da vida é não viver*”.

Falamos de sujeitos vivos, inteiros, como condição para o exercício real da

linguagem. Winnicott ressalta nesse sentido que é “a apercepção criativa, mais que qualquer outra coisa, que faz o indivíduo sentir que a vida vale à pena. Contrastando com isto, existe um modo submisso de relacionar-se com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo ao qual ajustar-se, ou que exige adaptação. A submissão traz consigo o sentimento de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale à pena viver a vida.”.

Para encerrar, cabe ainda uma reflexão do mesmo autor que ajuda a caracterizar o processo vivido com CN:

Sei que uma forma de cozinhar salsichas é seguir as instruções de Mrs. Beeton (Clement Freud, aos domingos). Outra forma é pegar as salsichas e cozinhá-las do jeito que for possível. O resultado pode ser o mesmo, mas dá mais prazer conviver com a cozinha criativa, mesmo que, às vezes, ocorra um desastre, ou que o gosto fique esquisito, ou alguém suspeite do pior. O que estou tentando dizer é que, para o cozinheiro as duas experiências diferem: o escravo que obedece nada tira da experiência, a não ser o incremento da sensação de dependência da autoridade, enquanto a pessoa original se sente mais real e surpreende a si mesma em função daquilo que vai surgindo durante o ato de cozinhar. Quando surpreendemos a nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade. Não deveríamos nos preocupar se aqueles que comem as salsichas não percebem a coisa surpreendente que houve no ato de cozinhar ou se demonstram não apreciá-las do ponto de vista gustativo. (Winnicott, 1970/99: 36).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.B.M (1991/96). “Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita”. In: Maria Fausta C. Pereira de Castro (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP.

ABAURRE, M. B. M E COUDRY, M. I. H. (a sair) *Em torno de sujeitos e olhares*. (no prelo).

BALLARD ET.AL. (2001). The underlying nature of apraxia of speech: a critical evaluation of Varley and Whiteside’s dual route speech encoding hypothesis. In: *Aphasiology*, 15 (8), 50-58.

BENVENISTE (1976). “A Natureza dos pronomes”. In: *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Nacional.

BOSE. ET AL. (2001). “Effects of Prompt therapy on speech motor function in a person with aphasia and apraxia of speech”. In: *Aphasiology*, 15 (8), 767-785.

CARAMAZZA, A. (1984). “The logic of neuropsychological research and the problem of patient classification in aphasia”. In: *Brain and Language*, 21, 9-20.

CHAPEY, R. (1993). *Language Intervention Strategies in adult aphasia*. Baltimore: Williams & Wilkins.

COUDRY, M.I.H. & POSSENTI, S. (1983). “Avaliar discursos patológicos”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5, 99-109. Campinas, IEL/UNICAMP.

COUDRY, M.I.H (1986/88). *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes.

----- & MORATO, E.M. (1988). “A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 15, 117-135. Campinas, IEL/UNICAMP.

----- & SCARPA, E.M. (1991). “De como a avaliação de linguagem contribui

para inaugurar ou sistematizar o déficit”. In: *Fonoaudiologia e Lingüística*, São Paulo: EDUC.

----- & MORATO, E. M. (1991). “Processos de significação: a visão neurolingüística”. *ABRALIN*, 13, 59-67.

COUDRY, M.I.H. (1992). “Fontes de postulados discursivos no estudo das afasias”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 22, 167-171. Campinas, IEL/UNICAMP.

----- (1995). “Lingüística e Neurolingüística”. In: B.P.Damasceno & M.I.Hadler Coudry (orgs.), *Temas de Neuropsicologia e Neurolingüística*, Vol.4. São Paulo: SBNp.

----- (1996). “O que é dado em Neurolingüística?”. In: Maria Fausta C. Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP.

----- (2001). “A linguagem em funcionamento na afasia”. *Letras de hoje*, v.36, n.3. Porto Alegre: PUCRS, p. 449-455.

----- (2002). “Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolingüística”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, 99-129. Campinas, IEL/UNICAMP.

COUDRY, M.I.H. E MAYRINK-SABINSON, M.L. (2003). “Pobreza e Dificuldade”. In: Albano, E., Coudry, M.I.H., Possenti, S. e Alkimim, T. (org.), *Saudades da Língua*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

COUDRY, M.I.H. (2006). *Projeto de Pesquisa: Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados*, 2006. (impresso).

COUDRY, M.I.H. e FREIRE, M.F.P. (a sair). *Neurolingüística discursiva: teorização e prática clínica*.

DARLEY, F., ARONSON, A. & BROWN, J. (1975). *Motor Speech disorders*. Philadelphia: W.B. Sanders.

DE LEMOS, C. (1992) “Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de

cambio”. *Substratum, 1*. (pp.121-136).

----- (2002). “Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação”. *Caderno de Estudos lingüísticos, 42*, 41-69. Campinas, IEL/UNICAMP.

FEDOSSE (2000). *Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia. Dissertação de Mestrado*. Inédita. Campinas, Dep. de Lingüística, IEL, UNICAMP.

FIGUEIRA, R.A. (1991/1996). “O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição de linguagem”. In: Maria Fausta C. Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*, Campinas: Editora da UNICAMP.

----- (2001/2002) Marcas insólitas na aquisição do gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso. Apresentado em 2002 no *XIII Congresso da Alfa* e publicado na Revista *Lingüística, v.13*, p.97-144. São Paulo, com data de 2001.

FREITAS, M. S.(1997). *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: contribuições para uma caracterização lingüística da afasia*. Tese de Doutorado. Campinas, Dep. de Lingüística, IEL, Unicamp.

----- (1997). “Em busca do estatuto fonológico da jargonafasia”. *Anais do XLV Seminário do GEL*, número XXVII. Campinas, SP.

FREUD, S. (1891/1979). *A interpretação das afasias*. São Paulo: Ed. 70.

----- (1901/1987). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago.

GOMES, T. M. (2007). Quatro estados de afasia e um sujeito da linguagem: um estudo neurolingüístico. Dissertação de Mestrado. IEL, UNICAMP.

ISHARA, C. (2004). Análise do funcionamento da linguagem em um caso de jargonafasia: aspectos fonológicos e morfológicos. . *Dissertação de Mestrado*. Inédita. Campinas, Dep. de Lingüística, IEL, UNICAMP.

JAKOBSON, R. (1954/1975). “Dois tipos de linguagem e dois tipos de afasia”. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix. (pp.34-62).

----- (1955/70). “A afasia como um problema lingüístico”. In: Lemle, M e

Leite, Y. (orgs). *Novas Perspectivas Lingüísticas*. Rio de Janeiro: Vozes.

KENT, R. & ROSENBEK, J.(1983). “Acoustic patterns of apraxia of speech”. In: *Journal of speech and hearing research*, 26, 231-249.

LEBRUN, Y. (1983). *Tratado de afasia*. São Paulo: Panamed

LESSER, R & MILROY, L. (1993). *Linguistics and aphasia: psycholinguistics and pragmatic aspects of intervention*. London and New York: Longman.

LIER-DE-VITTO, M.F & FONSECA, S.C. (1997). “Reformulação” ou “Ressignificação”? *Caderno de Estudos lingüísticos*, 33, 51-60. Campinas, IEL/UNICAMP.

LURIA, A.R. (1976). *Basic Problems of Neurolinguistics*. Paris: Mouton & Co. B.V. Publishers. The Hague.

----- (1979). *Curso de Psicologia Geral*, vol.IV. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

----- (1981/84). *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP.

MAINGUENEAU (1987/1989). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes.

MARSHALL (1993). *Management of fluent aphasic clients*. In: Chapey, R. (1993). *Language Intervention Strategies in adult aphasia*. Baltimore: Williams & Wilkins.

MILLER, N. (2001). *Dual or duel route?* In: *Aphasiology*, 15 (8), 62-68.

MORATO, E. M. (1995). “Significação e Neurolingüística”. In: Damasceno, B.P.& Coudry, M.I.H.(orgs.), *Temas de Neuropsicologia e Neurolingüística*. São Paulo: SBNp.

NOVAES-PINTO, R.C. (1999). *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. Inédita. UNICAMP.

POSSENTI, S. (1993). “O sujeito fora do arquivo”. *As múltiplas faces da linguagem*.

Brasília: Editora UnB.

----- (1995). “Língua: Sistema de Sistemas”. In: Damasceno, B.P.& Coudry, M.I.H.(orgs.), *Temas de Neuropsicologia e Neurolingüística*. São Paulo: SBNp.

ROCHON, E., CAPLAN, D. & WATERS, G. (1990). Short-term memory processes in patients with apraxia of speech. *Journal of Neurolinguistics*, 5, 237-264.

SACKS, O.(1997). *O homem que confundiu a sua mulher com chapéu*. São Paulo: Companhia da Letras.

SCHWARTZ, M. (1984). “What the classical aphasia categories can’t do for us, and why”. In: *Brain and Language*, 21, 3-8.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 29, p. 163-184, 1995.

SERON, X. (1993). “Reeducação neuropsicológica: as abordagens cognitivista e pragmática”. In: Mansur,L.L. & Rodrigues, N.(orgs.), *Temas em Neurolingüística*. São Paulo: SBNp.

THÁ, F. (1997/2001). *Uma semântica para o ato falho*. São Paulo: Anna Blume.

VARLEY, R. & WHITESIDE, S.P. (2001). “What is the underlying impairment in acquired apraxia of speech?”. In: *Aphasiology*, 15 (1), 39-49.

WINNICOTT, D.W.(1970/99). *Tudo começa em casa*. Porto Alegre: Artes Médicas.

-----.(1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.